

OBRAS DE J. SIMÕES DIAS

I

O MUNDO INTERIOR

(POESIA LYRICA)

2.ª EDIÇÃO MELHORADA

O MUNDO INTERIOR

POR

J. SIMÕES DIAS

O BANDOLIM DE D. JUAN
A LYRA DA ANGUSTIA — HARPA EOLEA
POEMAS LYRICOS

2.^a EDIÇÃO MELHORADA

COIMBRA

Imprensa da Universidade

1867

PQ
9261
S583
M8

Escuta

INTRODUÇÃO

I

Abre-me o céu esplendido, estrellado,
O céu das creancinhas, quando á noite
Se põem contando os astros. Não me digas,
Ó sibylla de amor, ó sancta esposa,
Por que estão lá em cima essas espheras
Como um throno de luzes movediças,
Suspensas pela abobada azulada!
D'onde vêm tantos mundos que se agitam,
Como seios de virgem palpitantes
Na walsa eterna do festim das noites!

Não me apontes com o dedo essa escriptura ;
 Que eu nella não sei ler. O olhar do sabio,
 Esse que vá de noite mergulhar-se
 No oceano insondavel do infinito:
 Esse que pense e leia, e se afadigue
 Em procura da lei, tyranna, eterna,
 Que as estrellas suspende nas alturas!
 O sabio tambem chora, quando scisma
 Na triste escravidão de tantos mundos,
 Que nascem, vivem, morrem sempre escravos!
 Escravos sim, amor !.. Sonhei-os deoses
 Disfarçados em luz, eram tão bellos!
 Mas belleza apertada numa fibra
 Da materia do ser, como elle escrava...
 O coração me doe!.. Não queiras, filha,
 Levantar esse véo que envolve chagas!
 Quero céo, quero estrellas, mar e terra ;
 Mas eomo outr'ora os vi, quando creança.

II

Ó Biblia do amor, só tu me ensinas
 O que eu dos outros livros não sabia.
 Aberta sobre a rocha de granito
 Na secular montanha das edades

As gerações, que passam, vão submissas
 Beijar as tuas letras, Evangelho!
 É que tu és a historia encadernada
 Na pelle de cada homem. As tuas letras
 São vermelhas, da cor do nosso sangue;
 Por isso, ó Biblia sancta, se em ti leio,
 No arco das tuas virgulas suspensa
 (Pois n'ella as proprias virgulas são poemas) ✦
 Minha alma vai pairando noutros mundos,
 Paraisos d'amor sempre sonhados,
 Eldorado infantil d'um sonho lindo.
 É o milagre da ascensão divina;
 As portas do futuro que se entre-abrem
 Ao clarão d'uma esp'rança! A gotta immensa
 Do sangue do Calvario sobre a rocha
 Escorre ainda amor. A caridade
 Sorri na cruz ao distender os braços;
 E a esperança d'entre a aureola do martyr
 Rompe formosa, como á tarde um Iris!
 Curvado sobre as paginas da Biblia
 Eu soletro o mysterio d'uma lagrima,
 Que insensivel me cahe por muitas vezes
 Sobre a letra de amor; e nesse instante
 Eu canto amor e esperança aos que sentiram
 Assim como eu senti, quando era infante!

III

Nas horas silenciosas do mysterio,
Quando as ondas do mar dormem na praia,
As aves no seu ninho, e o arvoredó
Nem sequer sente menear-lhe a coma
O respirar da aragem, nessas horas
Ineffaveis de gozo e de tristeza,
É quando mais anheló erguer-me á altura
D'uma voz mysteriosa, delectavel,
Que me vem pelos céos não sei de donde.
Em vão me ponho a phantasiar ondinas,
Sombras com que me abraçe, e ao fim da tarde
A alongar esta vista, a ver se vejo
Lá pelo espaço a luz da patria bella;
E sempre o mesmo aneio: os olhos tímidos
Despenham-se da altura ao mar immenso
Do negro turbilhão das minhas noites.
E todavia o amor bem sei que existe
Nas ancias do desejo... mas ao cabo
Do desejo, Senhor, que mais se encontra?
O frio d'uma lousa que enregela...

A solidão, mais nada !.. Ó sonhos lindos
 Das minhas noites infantis, que vento
 Vos levou tão depressa da minha alma?

IV

Eu sinto ás vezes repassar-me os seios
 Aroma tão suave e delicado,
 Que julgo ser aquillo algum suspiro
 Da tua bocca, lyrio! Oh! se é verdade
 Que o marmore gelado tambem sente
 O beijo d'uma aurora, então eu sinto
 A luz d'esses teus olhos derramando-se
 Por cada fibra que ainda em mim palpita.
 Se tu vives no céo, a Deos implora
 Que os ventos da montanha me não levem
 Esta pedra que resta das ruinas,
 Unico apoio que meus pés supporta!

X Diz á brisa que passe e que não dobre
 A folha d'este livro, onde me curvo
 A soletrar o amor. Oh! Biblia sancta,
 E tu onde é que estás, se eu te não vejo
 A não ser como a luz que a furto rompe
 Detrás da cerração? És tu um sonho?

V

Dize-me tu que não, meu anjo amado,
Oh! mulher das mulheres supra-sanctissima,
Que no seio de Deos a face escondes,
Pois não existe o amor? Tu é que sabes
O muito que te amei, e se ainda agora
Creio em Deos e em ti! Mas quando eu morra
Ha de acabar comigo o amor eterno,
Que em vida te jurei? Oh! anjo, esconde-me
D'esse phantasma que põe medo — a duvida!
Pois a essencia d'um lyrio, mal fenece,
Não sobe para o céo, como na encosta
O fumo do casal? Pois este corpo
Não é como um thuribulo acceso
Onde a vida crepita; e quando expira,
Como o fumo sequer, não sobe á altura
Tambem a alma nossa? Pois a lagrima
Não ha de ser pesada na balança
Da justiça eternal? Deos não existe?
Eu quero os sonhos que sonhei no berço,
Ver a face de Deos em cada estrella,

Ver um beijo de mãe em cada bocca,
 Um sorriso de irmão em cada homem!
 Quero sonhar contigo horas inteiras,
 Por alta noite, quando em paz immerso
 For o mundo um sepulchro; então sósinho
 Hei de amar-te em segredo, e levantar-me
 Ao céu em que ora vives, Margarida!

VI

Um dia junto ao mar, vê se te lembras,
 O Sol estava a pôr-se, perguntaste-me
 Com essa tua voz — suspiro — d'anjo:
 — Ja viste, filho, ao declinar da tarde
 As listas côr de rosa que o Sol deixa
 Soltas no firmamento; e a nuvem branca
 Transparecer, franzir-se como a tunica
 D'um velho antiste desfraldada ao vento? —
 E eu que disse então? Vê se me lembro:
 «É Deus que a face amostra em toda a parte,
 No azul do firmamento e do sacrario,
 No baloiçar da messe e do arvoredado,
 No Sol que alem se abaixa, e alem desponta:
 Cantam-no as solidões e o mar em furia,

As estrellas do céo e o tenro infante
 De joelhos no berço, mudo, estatico!
 Cantemol-o tambem! » E, como a cythera
 Dos velhos de Israel sobre os salgueiros
 Vibrada pelos ventos, da tua bocca
 Rajadas de harmonia suspiraram
 Por sobre a onda azul dos vastos mares!
 Nesse dia de festa perlibámos
 Dos jubilos do céo—Hoje o que valem
 Gozos que só provei na minha infancia?

VII

Ás vezes quando o Sol se estira em brasa
 Por esses plainos solitarios, vagos,
 Num circulo de fogo, ó minha esposa,
 Então beber quizera a longos sorvos
 Um raio d'esses, que me lança a prumo,
 E sequioso morrer em pó desfeito!
 Oh! se assim fosse, Archanjo, que me escutas,
 Lá d'esses thronos, onde o amor suspira,
 Talvez que o vendaval, que ás soltas corre
 D'um polo a outro furibundo e rapido,

Meu pó erguesse ás nuvens e n'altura
 Me fosse dado contemplar a estrella,
 Por quem suspiro ha tanto e nunca vejo...
 Talvez...—Alma inquieta que me foges,
 Se um dia a nuvem se rasgar do empyreo,
 Descansa e adora, que esse mundo é nosso!
 Mas esse dia! Oh! misero destino,
 Sonhei-o uma só vez, lembra-me tanto!

VIII

Ha de passar o Sol pelo deserto,
 E seu manto de fogo enregelar-se
 Na solidão dos polos, desmaiado;
 E tu, Archanjo, realidade ou sonho,
 Mas sempre grato aos olhos da minha alma,
 Has de existir comigo noutros mundos
 Nos páramos do amor que Deos habita.
 Ha de ao cahos volver o mundo inteiro,
 O vento emmudecer, seccar o oceano,
 Sumir-se para sempre a terra e a vida,
 E tu, 'stendendo ao longe as azas brancas,
 Minha alma afflicta roubarás ao nada!
 Mas o *nada* o que é? Quem me levanta

O véo da sepultura e o Apocalypse
Expõe da Eternidade aos quatro ventos?
Quem me diz se esta luz que me alumia,
Como um frôxo clarão de exausta lampada,
Já nos teus olhos foi um sol brilhante?
E quando um sopro a leve na aza negra
Quem sabe onde se irá! Ao céo, acaso?
Dize-me tu que sim, e quando eu morra
Vem busca-a p'ra ti, comtigo a leva!

IX

Se eu amasse no mundo a virgem pallida,
A languidez prolifica d'um beijo,
Que deixa o labio doce e a alma farta,
Se eu amasse a volupia d'uma noite
Té no leito cahir, languido, inerte,
E depois com mais ancia me abraçasse
Á perdida mulher, que de cansada
Se encosta ás horas tristes da saudade,
De noite, ao parapeito da janella,
Com os olhos langorosos, estendidos
Para a nuvem que passa, receando,

Que assim lhe passe o lustro da belleza;
Se eu me pozesse a ler as tristes paginas
Da negra historia das mulheres vendidas,
Das estatuas de pedra que se movem
Da festa ao lupanar, da sala á orgia,
Presas pelos cabellos á corrente
D'um destino fatal irresistivel;
Choraria talvez nessas ruinas,
Velhos destroços de gentil creança;
Mas esqueceres-me tu, mulher sanctissima,
Renegar do teu nome, e os teus altares
Vel-os ruir no chão em vida minha!..
Primeiro a morte gelará meu sangue,
O sol do Oriente brilhará de noite!

X

Pomba, que lá do céu me estás ouvindo
O fremito da prece que murmuro
Desalentado e triste, Margarida!
Ó tu, a quem meus carmes vão subindo,
Como a nota perdida pelo espaço
Em procura d'um seio, onde se abrigue,

Baixa os teus olhos e propicia attende
Aos cantos que são teus, pois nelles vives!
Vem descansar teu seio, se palpita,
Noutro seio. Tambem por muitas vezes
Tu tens descido á terra a dar-me forças
Para subir ao céo, se um céo existe!
Tu só pelo silencio d'alta noite
Me tens visto chorar, horas e horas,
No teu regaço, filha!.. Ai! se te lembras,
Ainda lá no céo, de quem supporta,
Acorrentado á cruz, o peso enorme
Da maldição dos homens, filha, ampara-me!
A tua imagem de manhã me acorda,
De noite vem cerrar-me os olhos languidos;
O amor vejo-o fugir, se tu me foges,
Radiante erguer-se, se teu rosto avulta...
Mais uma hora de gozo... vem sentar-te
Á beira do caminho, e quando eu passe
Levanta-me do pó... irei contigo!

O BANDOLIM DE D. JUAN

Ao luar

Archanjos dormentes, ó pallidas moças,
 Erguei-vos do leito, que eu vou descantar;
 As trovas que sólto são minhas, são vossas,
 Ouvi nossas trovas d'amor, ao luar.

A Lua desponta num céu de saphiras,
 O orvalho arrocia nos prados a flor.
 Ó Lua saudosa, só tu é que inspiras
 Ardentes de fogo meus cantos d'amor.

Cantae, raparigas, trazei as violas,
 Passae-lhes nas cordas os dedos gentis.
 Ó lirios da noite, dobrae as corollas
 Aos beijos da Lua, mimosas huris.

A Lua vae alta, n'altura descança,
 Resvala formosa nas ondas do mar :
 As ondas murmuram suspiros de espr'ança
 Aos beijos da Lua, que a Lua vem dar !

O vento não geme, nem brisa volteia;
 Profundo silencio, que noite d'amor !
 Saltae delirantes na alegre corêa,
 Dobrae vossas hastes, roseiras em flor.

Um dia em que as auras beijavam as cordas
 Trementes, queixosas, do meu bandolim,
 Vê lá, Magdalena, se bem te recordas,
 Sorriste, pousando teus olhos em mim.

E as auras frementes em trepido adejo,
 Qual bando de fadas suspensas no ar,
 Correndo ligeiras roubavam-tê um beijo...
 Oh! noites formosas d'argenteo luar!

Teus seios tremeram, teu rosto de neve
 D'amor incendiado volvestel-o ao chão.

† Por que é, Magdalena, que alli se conteve ✕
 Tua voz sobre o labio, se o amor é paixão?

Que louca não eras! Acaso é delicto
Que um homem te beije teu rosto gentil?
A Lua, que baixa do espaço infinito,
Não pouisa em teus labios um beijo subtil?

E a onda, que morre na praia distante,
Não beija as areias do branco areal?
Por que é que fugias dos beijos do amante,
Se o amor é dos homens, ó lubrica Omphale!

Tu eras o lirio do val recatado
Que o vento nordeste nas azas levou;
Eu fui como o vento, meu lirio orvalhado,
Meus beijos te queimam, o mesmo ainda sou.

Ó filhas da noite, tal sou como o vento,
Que passa e desfolha nos prados a flor;
As notas que saltam do alegre instrumento
São como os desejos, que matam d'amor.

Dança, anjos lindos, tremente suspiro
Na dança ligeira se escute a gemer.
Dizei nas violas que eu morro e deliro
Nas ancias do peito, que eu vejo accender.

Correi delirantes, ó lindas donzellas,
Violas no braço tangendo a primor ;
As finas cinturas quebrando-se bellas,
Nos labios ferventes suspiros d'amor.

Archanjos dormentes, ó pallidas moças,
A Lua resvala formosa e louçã :
As trovas que sóto são minhas, são vossas,
Cantemos agora, que breve é manhã !

Outro Moyses

Que vulto solitario alem sobre Moab
Estende avido olhar ás terras lá fronteiras!
Á vista os sonhos d'alma, os campos de Judá,
Segor e Manassé e as virides palmeiras!

A vista se lhe apaga, expira o varão santo,
Expira sem sequer na terra amada entrar!
Tambem sem alcançar-te, ó meu sonhado encanto,
Falleço á tua vista, ó lirio, a suspirar!

Urna quebrada

Era um beijo d'amores,
 Prenuncio de alvorada,
 Um lirio quasi a abrir-se
 † A minha doce amada.

O sol, novello d'oiro,
 Em amoroso enleio
 Andava a desdobrar-se-lhe
 No dealbado seio.

E como a luz nascente
 Nos vidros da janella,
 Nascia-me no intimo ✕
 O sol do amor por ella.

Ai! quem a vira, quando
A cabelleira escura,
Correndo-lhe ao pescoço,
Volteando-lhe a cintura,

Lhe andava fluctuando
Em onda voluptuosa,
Quaes Zephiros inquietos
Em volta de uma rosa:

Ou quando ao fim da sesta
Aquelle anjo adorado
Compunha ao seu espelho
O longo penteado!

E a tumidez do seio,
Altar sem sacrificio,
Por onde não passara
Um osculo de vicio?

Se a visseis, como eu vi
Na magica doidice
D'um langoroso olhar,
Dirieis, como eu disse:

« Quando contemplo, senhora,
Seus olhos encantadores,
Que a todos matam d'amores,
Se a vista 'nelles demora,

« Não sei, senhora, o que vejo,
Não sei que faça de mim,
Se deva calar-me emfim...
Se vos confesse um desejo!

« E porque não! A pobreza
Que passa as noites chorando
Não ha de sorrir-se quando
Vê ante si tal riqueza!

« E eu sou um pobre, bem sabe,
D'uns amores que eu não pinto,
Se bem que o amor que em mim sinto
No peito ja me não cabe!

« E eu bem sei que vós zombaes
Da minha sorte mofina,
Sem verdes que é minha sina
Morrer nos laços que armaes! »

Então, vê se te lembras,
Disseste-me sorrindo
(Sorriso que parece
Alguma flor abrindo) :

« Amor, quem n'elle espera,
Que errado que não vae!
O amor é como a cera
Que se desfaz n'um ai!

« É luz que mal se forma,
No extremo da paixão
P'ra logo se transforma
Em lavas de volcão.

« E quanto vae lavrando,
E dentro mais se ateia,
Venenos vão passando
Por uma e outra veia!

« Fugi, pois, d'essa febre;
Que eu d'ella bem me esquivo
Receando que me quebre
O encanto, em que ora vivo! »

Mas quem foje do amor, no amor tropeça,
Que n'elle tarde ou cedo cahir vae.
E quem por esquivar-se mais se apressa,
Mais depressa tambem na rede cae.

Ninguem jamais provou os seus carinhos
Que depois não provasse os dissabores ;
Que é proprio haver na rosa seus espinhos,
Como haver a desgraça nos amores.

Se não fallem as lagrimas que vejo
Cahir-te pela face lisa e bella,
Se a ouvir-me d'amor algum harpejo
Vens á tarde sentar-te na janella.

Cahiste, como cae a mariposa
Na chamma, sem saber por que motivo.
Cahiste n'um abysmo, como a rosa
Na corrente de arroio fugitivo.

O amor vence a razão, vence e vontade,
A vontade que tudo manda e quer:
Pois sendo como eu digo, quem não ha de
Chorar nas tuas lagrimas, mulher?

Na praia

Era por fins da tarde : somnolentas
As ondas resonavam sobre a praia ;
Deitavam-se ao depois tredas e lentas,
Como as ondas do amor, que o amor espraia.

Sentada, como a alcyon, sobre as fraguas,
Murmurando em silencio seus cantares,
Sentia no gemer das mansas aguas
O intimo gemer de seus pezares.

Linda alvorada aos labios lhe acudia,
Se fallava d'amor ao seu amor;
Sombra graciosa as faces lhe encobria,
Se um queixume expirava intima dor.

Era a imagem da virgem na collina
D'olhos postos na aurora — sua irmã!
Era a petala branca da bonina
A receber o orvalho da manhã.

Mulher, que assim adora, é como a vela
Que se espera e se avista alem no mar;
É rasto que deixou cadente estrella,
Por onde a alma vôa a delirar.

É pomba que recolhe á arca sancta
Mostrando-nos o ramo da oliveira;
Hymno que nossa mãe a Deos levanta,
Sentada ao nosso berço a vez primeira.

Eu vi-a assim á tarde... Oh! quem podera
Volver aos dias de hoje a paz de então!
Satisfeito, por ella aqui morrera,
Fosse ella muito embora uma illusão.

A lavadeira

Sonhando contigo,
Fartei-me d'amores;
Sorvi teus aromas
Beijei tuas flores
Pousando a cabeça
No teu avental;
E tu, pequenina,
Sorrias, mais bella
Que os cravos e lirios
Que tens á janella
Nos lucidos vasos
D'argenteo crystal!

II

Que linda não eras !
Que olhar feiticeiro !
Á beira das aguas
Teu rosto fagueiro,
Teu corpo engraçado
No tanque a mirar,
Par'cias no garbo
Gentil, namorado,
Qual moura encantada
Que em dias de estio
Nas aguas do rio
Se vem retratar.

III

Assim distrahida,
Sorrindo e scismando,
Mirando-te n'agua,
Volvias cantando

Mimosas cantigas
 Com fervido ardor;
 Mas quando avistavas
 Alguem espreitando
 Suspiros que davas,
 De subito ás faces
 Coradas, vivaces,
 Te vinha o rubor;
 E muda ficavas,
 E logo deixavas
 As notas em meio
 D'essa aria d'amor!

IV

Ai! vi-te á noitinha
 Lavando as anaguas
 Nas lucidas aguas
 Que per'las imitam,
 Que pulam, saltitam
 Em gotas ao ar.
 E o seio? pulsando,
 Pulsando apressado,
 Batendo cansado

Coutinuo a arfar...
Senhor, dera a vida;
Que eu tive desejos,
Que em fogo mil beijos
Só podem matar!

V

E amei-te esses labios
Cantando baixinho,
Depois esse arminho
Das alvas cambraias,
Roupinhas e saias,
E brancas anaguas,
Lavando nas aguas
Nas aguas assim...
E ainda esses olhos,
Tam negros, tam vivos,
Amantes, lascivos
Pregados em mim!

Impossível!

Cabeça louca! Nem já sei a hora,
 Em que primeiro vi tua face linda;
 Foi ao Sol posto, ou foi á luz da aurora,
 Que o nosso amor nasceu, lembras-te ainda?

Talvez num sonho, quando os anjos descem
 D'azas brancas de prata ao nosso leito;
 Talvez na hora sancta, em que adormecem
 As penas todas no anciado peito!

Sei que te vi, mas quando pouco importa.
 Do que me lembro sempre, e não me esqueço,
 É do teu braço lindo, que supporta
 Meu corpo, quando ás vezes desfalleço!

Pergunta lá, ó filha, aos altos seios,
Altar onde eu encósto a face triste,
Quando a mente revoa em devaneios,
E te lembras da hora, em que me viste,

Se o meu suspiro ao teu suspiro voa,
Amor eterno em beijos murmurando;
Se a lagrima de fogo, que se escoo
Dos meus olhos, não vai aos teus chorando!

Ás vezes, quando choras, quem me dera
Ir com meus beijos enxugar-te a face,
Dizer-te na tua bocca «ó filha, espera!»
E talvez que o teu pranto assim findasse.

Depois lá, quando a noite vai em meio,
E a Lua se escondeu, silencio é tudo...
E eu com minhas mãos encontro o seio,
Teus seios altos, brancos, de velludo;

E a tua face meiga, enamorada,
Sobre o meu braço trémulo se inclina,
Bem como a Lua ás vezes desmaiada
Parece adormecida na collina.

Depois um beijo teu, ó filha, um beijo
De teus labios gentis, folhas de um lirio,
Folhas que eu sei abrir, mal que um desejo...
Ai! meu desejo, que infernal martyrio!

Gleyson

Já viste no escuro da noite,
Se avulta medonha procella,
No céo rebrilhar uma estrella
Sósinha ?

Assim nas tormentas da vida,
Tormentas que empanam meus lumes,
Se ha luz que dissipe negrumes,
Sê minha !

A tua roca

Quando te vejo á noitinha
Nessa cadeira sentada,
O chaile posto nos hombros,
Na cinta a roca enfeitada,

Os olhos postos na estriga,
Volvendo o fuso nos dedos,
Os labios contando ao fio
Da tua bocca os segredos,

Eu digo sempre baixinho
Olhando p'r'a tua roca:
Quem me dera ser estriga
P'ra beijar aquella bocca!

Nunca te vejo fiando,
Que não inveje os desvelos
Com que desfias do linho
Os brancos, finos cabellos.

E aquella fita de seda
Que se enleia no fiado?
Eu nunca vejo essa fita
Que me não sinta enleado.

Parece aquillo um abraço
D'um amor que é todo nosso,
A trança do teu cabelo
Em volta do meu pescoço.

Eu digo sempre baixinho,
Vendo a fita que se enreda :
Quem me dera ser estriga,
Ella a fitinha de seda !

Eu por mim não sei que sinto,
Se tristeza, se ventura,
Mal que suspendes a roca
Na tua breve cintura.

Penso que fias nos dedos
Os dias da minha vida,
Ao pé de ti sempre curta,
Ao longe sempre comprida!

Pareces-me um ramilhete,
Sentada nessa cadeira,
E a fita da tua roca
A silva d'uma rozeira.

Oh! filha, quando acabares
De espiar a tua estriga,
E sentires por alta noite
Em voz baixa uma cantiga,

Sou eu que estou a lembrar-me
Dos beijos da tua bocca,
E penso que em mim são dados
Os beijos que dás na roca!

O primeiro beijo

Seria um beijo? Nem eu sei se creia ;
Em vão pergunto á doida phantasia!
Calor d'um beijo doce parecia
Esse fogo subtil, que inda se ateia!

Ardem-me as fibras d'este peito enfermo
Lazaro morto, que esperava, ha tanto,
Um beijo amigo, que levasse o encanto
Que me trazia a suspirar sem termo!

Seria um beijo? Que eu não sei se fora
Real ou sonho o que em minha alma vi!
Raiar de esperança semelhando a aurora
Que em labios mostra divinal huri?

Dedo de fada me tocou de leve
 Na accessa face que escaldava em brasa!
 Trémulo aneio!.. um braço me susteve,
 Os olhos volvo de redor da casa!

Que luz, que assombro! A casa illuminada!
 Um conjuncto de auroras respndia!
 Abria os olhos e não sei que via!..
 De cada canto esplende uma alvorada!

Um beijo ergueu-me a Deos. Nada se esconde
 Á luz que ante meus olhos se derrama!
 Mas donde procedesse aquella chamma
 Em vão pergunto, nunca soube donde?

Não sei se era do sol, que então entrava
 Pelos vidros purpureos da janella!
 Se era dos olhos luminosos d'ella,
 Languidos olhos, que nos meus fitava!

Ⓢ teu lenço

O lenço que tu bordaste
Trago-o sempre no meu seio,
Com medo que desconfiem
Donde este lenço me veio.

As letras que lá pozeste
São feitas do teu cabelo;
Por mais que o veja e reveja
Nunca me canço de vel-o!

De noite dorme comigo;
De dia trago-o no seio,
Com medo que os outros saibam
Donde este lenço me veio.

Alvo da cor da assucena
Tem um ramo em cada canto ;
Os ramos dizem saudades,
Porisso lhe quero tanto !

O lenço que tu bordaste
Tem dois corações no meio ;
Só tu no mundo é que sabes
Donde este lenço me veio.

É de cambraia o teu lenço,
O lenço que me offertaste ;
Parece que inda estou vendo
Os dedos com que o bordaste !

Para o ver até me fecho
No meu quarto, com receio
Que m'o vejam, e perguntem
Donde este lenço me veio.

Com os olhos nesses bordados
Nem sei até no que penso ;
Os olhos tenho-os já gastos
De tanto olhar para o lenço.

Se ás vezes lhe dou um beijo,
Guardo-o logo no meu seio,
Com medo que desconfiem
Donde este lenço me veio.

Nas letras que tu bordaste
Vem o meu nome e o teu;
Bemdito seja o teu nome,
Que se enlaçou como meu!

Porisso o trago escondido,
Bem guardado no meu seio
Com medo que me perguntem
Donde este lenço me veio.

Quanto mais me ponho a vel-o,
Mais o amor se renova;
No dia do meu enterro
Quero leval-o para a cova.

Vem pol-o sobre os meus olhos,
Que eu hei de tel-o no seio,
Mas não descubras ao mundo
Donde este lenço me veio.

Ⓞ libertino

(NO LUPANAR)

Por essa porta entrei, subi a escada,
Esfarrapado venho á vossa festa;
Pouco dinheiro trago, um quasi nada,
Eil-o aqui todo; é tudo o que me resta.

Ao som d'este metal, uns quadros vivos,
Como espectros de horror surgem da campa!
Surgi tambem do leito, anjos captivos,
Tripudiai!.. O Inferno aqui se estampa.

Ó prostibulo, irmão e pae do vicio!
Ó vendeiras do amor, sou vicioso!
Dos vossos braços lindos o cilicio
Rasgue-me o scio, mate-me de gozo!

Seja o primeiro que provei na vida,
Embora o extremo que da vida levo.
Esta sorte final quero-a perdida;
Se ella perdida for, pago o que devo!

Abre lá o teu seio aos meus anhelos,
Esconde esta cabeça em teu regaço,
Ao pescoço me lança os teus cabellos,
Prende o meu corpo n'um eterno abraço.

Desmaia como a rosa das campinas,
Nos meus braços desmaia, ó rosa pura;
Roubem-te a cor ás faces purpurinas
Meus beijos sequiosos de ventura.

Não te rias de mim, loira pequena;
Que tu não sabes que tormento é o meu!
Tu não sabes, mulher, o que é ter pena
Do primeiro amor que nos morreu!

Dizes bem, Messalina, quem não goza
Não sabe o mal que faz, se a vida é breve!
Ai! a minha é tão longa e tão penosa,
E não haver um vento que m'a leve!

Põe aqui o teu braço.. canta agora ;
Desmancha esse cabelo, assim... assim..
O teu rosto, mulher, tambem descora !..
Quem t'o faz descorar, alvo jasmim ?

Um beijo, um beijo só... mas quanto custa
Neste mercado um beijo teu mulher ?
Tu não fallas !.. aqui tudo se ajusta,
Paga-se á vista aquillo que eu dever !

Então tudo a chorar!... causa-me espanto !
Tambem vós tendes pena! continuae ;
Eu quero ver d'aqui, sentado a um canto,
Cada folha de rosa, que vos cae !

LYRA DA ANGUSTIA

Moço e velho

Deixa-te estar a meu lado,
Não fujas, virgem travessa...
Que mal te faz que em teus seios
Vá poisar minha cabeça?

Tem dó de mim; se soubesses
Porque eu trago o peito aberto,
Talvez de pena chorasses,
Não me fugiras por certo!

Attenta bem nos meus olhos,
Não vês um circulo escuro?
Foi de chorar toda a noite
Por um bem, que em vão procuro!

Quando veio a madrugada
Fui ver meus olhos ao espelho;
Tinha-me deitado moço,
Accordei... era já velho!

As minhas faces cavaram-se,
As rugas lavraram fundo;
Olha que tenho soffrido,
Como ninguem neste mundo!

Andava como um decrepito;
Se dava um passo, era a medo;
E a mim proprio perguntava
Porque envelheci tão cedo!

A causa de tudo isto
Nem ao certo eu bem sabia:
Queria andar, e ficava,
Queria ver, mas não via!

Que noite aquella! Tens medo?
Não fujas, virgem travessa;
Deixa poisar no teu collo
Minha languida cabeça!

Eu já fui moço; os meus olhos
Tambem já foram chrystaes,
Onde os teus se reflectiam,
— Teus olhos celestiaes...

Agora ves tudo escuro
Nestes palacios da luz!
Por toda a parte ruinas,
Em mim uns ossos e a cruz!

Ai! minha cruz! Os calvarios
Avistei-os muito cedo!
Corri depressa, mataram-me...
Porque me fojes? Tens medo?

Tem antes dó! Nos teus seios
Descança minha cabeça....
Bem pode ser que dest'arte
Minha alma rejuveneça!

Lacrymae rerum

I

Eu venho a sós contigo, ó noite escura,
No teu seio chorar minha tristeza;
Que só no meu chorar tenho ventura!

Dos destinos humanos na incerteza
Minha alma passa a noite e passa o dia,
Sem conhecer a cruz, a que anda presa!

Nem sei mesmo se ao fim desta agonia,
Quando á luz do Senhor se abrir meu peito,
Minha alma poderá ter alegria!

Tal é a triste sina, a que ando affeito,
Que não sei se é de vivo, se é de morto
O riso que apresento contrafeito !

Quando ás vezes me lanço do meu horto
Ao ruidoso affan, que o mundo agita,
Então. é que eu mais sinto o desconforto !

Desgraçada celeuma estruge e grita
Em lobrego naufragio... e os seus olhares
Não alcançam a luz, que alem crepita...

Tambem eu lanço os olhos pelos mares,
A ver se vejo o porto desejado,
Onde acabem comigo os meus pezares !

E a estrella, que ora vejo em céu nublado,
Se eu me ponho a fitar os olhos nella,
Em trevas de repente se ha mudado !

Como foge do rosto da donzella
A cor, se algum segredo a traz doente,
Assim me foge a mim a esperança bella!

Assim foge o murmurio da corrente,
Ou em noites de horrivel tempestade
A fugitiva luz do raio ardente!

Coitado de quem vive na orphandade
C'os olhos razos d'agua e a sepultura
Sempre aberta a lembrar a Eternidade!

Pobre de quem não tem outra ventura,
A não ser uma lagrima, que chore
No teu seio de horror, ó noite escura!

II

Por mais que eu erga a mãos e as Deosim plore
Que os olhos ponha em mim, e o meu flagicio
O acabe depressa, ou o minore,

É sempre o pezadello do supplicio,
O circulo de ferro, que me aperta
Os espinhos agudos do cilicio!

E eu creio firme em Deos. Na vida incerta
Que seria de nós, se elle não fora
A nossa esp'rança, a nossa estrada aberta?

Eu creio em Deos; que o vejo a toda a hora
Ou comece a cahir dos altos montes
A noite, ou a apparecer a linda aurora!

Ou comecem chorando as tristes fontes
No silencio do val; ou mesmo quando
Se avermelham ao longe os horisontes!

É sempre o meu tormento miserando,
Ou accorde de noite em sobresalto,
Ou me ponha depois a Deos orando!

Quem de alivios se vê no mundo falto
Que mais tem a fazer cá neste mundo,
Do que estender seus olhos para o alto?

Quando o rosto de lagrimas inundo,
Então mais creio em Ti; porque me déste
As aguas dos meus olhos, mar sem fundo!

Meu Deos, se dás alento á flor agreste,
Mal que o rocio da fresca madrugada
Tu lhe envias da cupula celeste,

Faz tambem que minha alma atribulada
Veja através das lagrimas, que verto,
A luz esplendorosa da alvorada;

Pois se penso que o céo anda mais perto,
E que Deos com seus olhos me procura,
Mais solitario vejo o meu deserto!

Pobre de quem não tem outra ventura,
A não ser uma lagrima, que chore
No teu seio de horror, ó noite escura!

III

A mim de que me serve que se inflore
O prado em seu abril, se andam errantes
Meus olhos, e não tenho onde os demore?

Apagaram-me a luz que eu tinha d'antes,
A luz que nos meus olhos se accendia
A toda a hora, a todos os instantes.

O que era um infeliz nem eu sabia;
Pois dentro da minha alma sempre andava
O sol brilhante da intima alegria!

Oh! mesquinho de mim, que mal cuidava
Que houvesse de cair tão cedo a estrella
Que da altura dos céos me alumiaava!

Foi de Deos providente o suspendel-a
Na altura, como lampada num templo,
E não podia Deos tambem sustel-a?

Nem eu sei o que julgue, se contemplo
D'uma luz que se apaga, mal desponta,
O destino fatal — o estranho exemplo!

A dor traz-me a cabeça quasi tonta!
Perguntam-me o que tenho, e em vão intento
Dar dos meus males acertada conta!

Levo a noite a chorar, e o intendmento
De todo se me apaga, como ás vezes
Apaga a luz o impeto do vento !

As lagrimas amargam, como as fezes
No fundo d'uma taça : até o pranto,
Que a todos alivia em seus revezes,

Para mim não tem balsamo. Entretanto
Quando sinto que a dor me despedaça
Então, loucura extrema ! rio e canto.

Mas este rir é como a luz que passa
Em negra cerração, quando fulgura
Raio furtivo em tremula vidraça !

Pobre de quem não tem outra ventura,
A não ser uma lagrima que chore
No teu seio de horror, ó noite escura !

IV

Se alguma vez o pranto a face irrore,
A face amarellenta de quem soffre,
Sem que Deos seu martyrio lhe minore ;

Se alguma vez as lagrimas de aljofre
Alguem as esconder no coração,
Triste riqueza ! á mingua d'outro cofre,

Ninguem vá perscrutar a escuridão
Da vida sepulchral de tantas almas,
Que vêm chorar contigo, ó solidão !

Ninguem vá perguntar ás verdes palmas
Por que o raio do sol lhes queima a folha
Na sesta ardente das ardentes calmas !

Ninguem : pois quando a lagrima nos molha
A languida pupilla e ao seio afflue,
É porque mais não tem onde se acolha !

Assim, homens, deixai, se ella reflue
Á fonte d'onde veiu, que se esconda,
Embora lá no peito o mar estue!

Astros do céo, deixai correr a onda
Pelos fundos abysmos do Oceano...
São segredos da dor, que só Deos sonda!

Tal é a minha vida, ó desengano,
Que nunca permittiste que eu vivesse
Sequer uma hora de feliz engano...

Assim a tua vida me parece,
Mulher, ó flor mimosa, que te inclinas,
Como ao passar do vento a loira messe!

As tuas faces, d'antes purpurinas,
Perderam sua cor; são como a lua
Que desmaiada assoma das collinas!

A graça dos teus olhos não é tua,
Vai a levando o pranto da amargura,
Sombra de morte, que no olhar fluctua...

Pobre de quem não tem outra ventura,
A não ser uma lagrima vertida
No teu seio de horror, ó noite escura!

V

Se tu soubesses, como eu sinto a vida
A pullular em mim, quando o teu rosto
Descanças no meu hombro esmaecida!

Ou quando ás tristes horas do sol posto,
Á força de pensar que te estou vendo,
Penso que no teu seio a face encosto!...

Mulher, eu não sei bem, se quando estendo
Meus olhos para os teus, occultar posso
O muito que por ti ando soffrendo!

Hoje que eu já não sou mais que um destroço
D'arbusto que tombou, ó linda aurora,
Torna-me aos dias em que eu era moço!

Chamei-te um dia irmã... lembras-te agora?
Não cheguei a dizer-te o que eu dissera,
Se não fosse esta dor, que me devora!

Tu não tinhas nem Sol, nem primavera,
Nem lume, que nos céos por ti brilhasse,
Nem voz que te dissesse: «Ó pomba, espera»

E eu, se ao pé de mim alguém chegasse
«Espera tu também pelo teu dia,
«O céu tem muito amor, levanta a face»

Mulher, não sei então o que diria...
Mas a palavra — amor — em magua tanta
Se eu t'a fosse a dizer!... Quem t'a diria?

Tu és a *mulher-forte*, que me espanta,
E eu que sou p'ra ti? Louco em delirio,
Procuro a luz do céu, ó minha santa!

Que tu não saibas meu cruel martyrio,
Nem as vezes que a Deos minha alma imploro
A paz do coração, meu doce lirio!

Pobre de quem não tem quem lhe minore
A febre do sofrer, outra ventura,
A não ser uma lagrima, que chore
No teu seio de horror, ó noite escura!

A estrella

No occaso moribunda
Esmoia a luz do dia:
Negra melancolia
Do céo a luz derrama.

O peito se me inflamma
Se os olhos lá estendo;
Que eu vel-a ali pretendo
Em thronos de saphira!

Descanto-lhe da lyra
Suave, intimo canto
No extasis tão sancto,
Que eu sinto só por ella!

Depois, quando a porcella
Da noite que se estreita
No céo corre desfeita
Em crepes que põem medo,

Nessa hora de segredo
O espaço enfim percorro,
Pedindo-lhe soccorro
Nos trances d'esta vida.

E a vista enlanguecida
Me fica numa estrella;
Que eu penso, vejo nella
A sua imagem querida.

Depois, ó sorte dura!
Se a nuvem m'a encobre,
No peito d'este pobre
Só vejo a desventura.

Horas tristes

Eu já não sei cantar, como eu cantava
No alvorecer da minha juventude;
Então era a tua voz que me inspirava
As melodias sanctas do alaúde ;

Agora quero ouvil-a, e mal a ouço,
De tão longe me vem teu som divino !
Agora quero eu ver-te, e já não posso,
Tão contrario me corre o meu destino !

Ponho-me ás vezes a pensar nos dias
Das sanctas innocencias de creança,
E julgando que tu inda podias
Levar-me aos céos dourados da esperança,

Ajoelho cá de longe a ver se vejo
A luz dos teus olhares em céo distante,
Pensando ouvir ainda o som d'um beijo
Nas minhas faces tremulas de infante!

E nesse doce engano assim me deixo
Boiar em mar de leite brandamente;
Sinto a vida a correr, como em desleixo
Por entre flores a trepida corrente!

Mas este allivio não quer Deos que seja
Tão longo, como a senda que eu percorro:
Pois eu bem sei que Deos não quer que eu veja
Aquella que morreu e por quem morro!

Foi brilhar noutros céos a minha estrella,
Partiu-se pelo espaço a minha lyra;
A minha inspiração levou-m'a a ella,
Agora é só o peito que suspira!

A Deos

Ao exilio me vou, e Deos bem sabe
A dor que me acompanha ao meu desterro!
Não ha coisa que a ausencia não acabe,
Menos o amor, que dentro d'alma encerro.

Levo-o comigo aos céos da nossa terra:
Hei de dizel-o á Lua, quando passe
No viso melancolico da serra
Anciosa por beijar-te a linda face.

E quando á noite o céu todo estrellado
Estenda sobre mim seus mil fulgores,
Hão de lembrar-me então, meu anjo amado,
Teus olhos derramando luz e amores!

Depois no rasto que deixar no espaço
Cada estrella cadente, luminosa,
Hei de mandar-te num estreito abraço
Mil saudades que levo, ó minha esposa!

Quando eu me vir mais triste, hei de ir sentar-me
Defronte da tua porta ao fim do dia;
D'est'arte talvez possa ainda enganar-me,
Pensando ver defronte quem eu via!

Ai! se eu te visse então! Adeos; comigo
Vai combatendo a sorte que me cabe.
As saudades que levo não t'as digo,
Penas que n'alma vão só Deos as sabe!

Phantasia

E se eu pudesse acaso ser um genio,
Ai! como em seu louvor eu cantaria!
O meu nome enlaçado ao nome d'ella
De bocca em bocca a fama os levaria!

Nathercia e Beatriz por esquecidas
Ficariam sem nome e sem cantores;
Cantor só eu na terra: ella o assumpto...
Empresas attentava mais subidas,
Cantava os meus amores!

Amor, tal com o nosso, mais sagrado
Jámais alguém na terra o cantaria ;
Depois á gloria o meu renome e o d'ella
De bocca em bocca a fama os levaria !

Mas onde se me perde a phantasia !
Com que idéas agora me entretinha !
O genio, se o tivesse, que valia,
Se nem ella podia já ser minha?...

Ao som da musica

Segredos da harmonia, eu vos entendo
 Vosso cantar magoado que suspira...
 Tambem pela minha alma andam gemendo
 Uns tristes sons d'amor, de ignota lyra.

Oh ! musicas dolentes, sois a falla
 De quem fallar não pode, da agonia !
 Por mim não sei que sinto, se me embala
 A voz do teu cantar, doce harmonia...

Minha alma é como um anjo acalentado
 No regaço de Deus — tu me acalantas ;
 Tua voz é como a trova do noivado,
 Atito d'ave a cabo de tormentas !

Minha alma então é como um cysne manso
Que nas aguas parece adormecido ;
Adormece-me a dor, e emfim descanso
Nas ondas da harmonia embevecido !

Ai! felizes da terra, os vossos prantos
Quem já os viu cair por noite escura,
Como estes meus agora, ouvindo os cantos
Do meu anjo que adeja lá na altura ?

Em que scismas?

Languida e triste, como é triste o goivo
 Dos sepulchros, que á tarde se debruça
 Dos mortos sobre o pó,
 Vi-te por alta noite á luz da Lua
 Co'a fronte reclinada sobre o seio,
 Vi-te, estatua de dó!

Eras sósinha alli — archanjo mudo —
 Em pé silenciosa — longo tempo...
 Senhor! eu vi-te assim!
 Depois, erguendo ao céo os olhos madidos,
 Ardentes te rolavam grossas lagrimas
 No seio de marfim!

Co'os olhos arrasados parecias
 Suspensa nesses lumes, que se apinham
 Na abobada dos céos.
 E o espirito ás soltas pelo espaço
 Almejava outra vida, que nos vedam
 Mysteriosos véos !

Quem sabe, se sustida pelas fimbrias
 D'uma estrella nos céos descortinaste
 Do teu martyrio o fim ?
 Talvez que o Eterno ouvisses em teu extasis,
 Que um frôxo de sorriso te passara
 Nos labios de carmim !

Anjo d'amor, que viste nesse instante?
 Que aureola de luz celeste e rapida
 Te circumdara então ?
 Sonhaste acaso? ou viste nesses mundos
 Pelas fendas do céu sorrir-te espr'anças
 O anjo da redempção?

Sorriste... É que então no céu absorta
 Esqueceste da vida as amarguras
 Pelos gozos do céu !
 Sorriste, contemplando a patria bella
 — Pertença dos que soffrem cá na terra
 Martyrio igual ao teu!...

Acabara a visão. Descera rapido
O espirito, que aos astros remontara,
 Buscando nova luz.
E as lagrimas de novo te lembraram
Que breves são as horas de ventura,
 Que em sonhos nos seduz.

E vi-te — triste noite! —
Carpindo dor anciosa,
Qual rola pesarosa
Sem ter onde se acoite!

Choraste!... vejo-te inda
No labio, que estremece,
A dor, que não fenece,
A magua, que não finda!

Dos balsamos o cofre
Se ao menos eu tivesse...
Allivios, que vertesse
No peito de quem soffre...

Mas ai! se a dor te acalma
Allivio, que inda existe,
As lagrimas d'um triste
Recebe-as na tua alma.

De maguas nunca esquivo
Apenas chorar posso!...
Funda-se o pranto nosso,
De penas tambem vivo!

As arvores sem coma
Revestem seus verdores,
Se a quadra dos amores
Alegre lhes assoma:

Surge viçosa a hera
Á luz, que vem serena,
Só nós na nossa pena
Não temos primavera?!

Havemos ter, havemos
Aurora resplendente,
E em gloria permanente
Felizes lá seremos;

Que esta alma, que me estampa
De Deos a magestade,
Não pode em soledade
Ficar no pó da campa!

A mocidade

Eu tinha um berço de rosas,
Que minha mãe embalava;
Lembram-me ainda as cantigas
Que ao pé do berço cantava:

« Quem me ouvir assim cantando
Cuidará que estou alegre;
Trago o coração mais negro,
Que a tinta com que se escreve.»

« Mas quem tem filhos pequenos
Por força lhe ha de cantar,
Quantas vezes as mães cantam
Com vontade de chorar! »

Ainda agora se escuto
Ás vezes esta cantiga,
Riem-se todos e eu choro
Não sei por que, doce amiga!

Lembram-me os dias felizes,
Os dias da mocidade,
As infantis innocencias
Da minha primeira idade.

Lembra-me a face vermelha,
Que tinhas, quando me déste
Um dia de manhã cedo
Aquelle beijo celeste!

Era o primeiro: coraste,
O beijo fez-te mais linda.
Depois fugiste; recordas-te?
Eu lembro-me tanto ainda!

Da fita do teu pescoço
Pendia a cruzinha d'oiro;
Colete branco velava
Das pomas o alvo thesoiro.

Vê se te lembras... que tempos !
Nem tu sabes que saudades
Eu tenho, quando medito
Nessas primeiras edades !

Tu só me vales; se ás vezes
Me vês triste e pensativo,
Tu que me doiras os ferros
Em que me vejo captivo !

Se te vejo, vejo a bocca
D'aquella que me beijava,
Se cantas, ouço as cantigas,
Que minha mãe me cantava.

Se me aconchegas ao seio,
Os seios d'ella senti;
Se me levas á tua cama,
Vejo o berço onde nasci.

Bemdicta sejas. No mundo
Vales-me tu na saudade;
Tu só me tornas aos dias
Felizes da mocidade.

HARPA EOLEA

Saudades de filha

Era alli. Brando sopro dos favonios
 Balançava na flor ;
E como sendo tu rosa tambem,
O vento te levava com desdem
 As tranças, meu amor...

Contemplavas o sol que esmorecia
 Na orla do occidente,
E c'os olhos na luz que se encobria:
«Ai! sol, porque me deixas sem que eu possa
Nos céos voar contigo eternamente?!

« Comtigo subiria á eterna estancia
 Num extasis d'amor:
 Comtigo ascenderia ás aureas portas
 Do templo do Senhor.

« E volvendo por mundos sempre ignotos
 Em poz de sua imagem,
 Ao menos vel-a-ia na passagem,
 E vendo-a lhe diria:

— Minha mãe, porque á celica paragem
 Tão cedo remontaste?
 Porque assim neste mundo abandonaste
 Quem tanto te queria?—

« Luz do sol orgulhosa, que me deixas
 Sósinha num tal ermo,
 Que mal te faz quem chora as suas queixas,
 Se, podendo, a não levas já comtigo
 Aos climas, onde as maguas têm seu termo?...

« Qual som d'harpa quebrada que inda geme
 No extremo soluçar,
 Parece que ainda a voz, no meu delirio,
 Te escuto, ó mãe, de lá, do summo empyreo,
 Por mim a suspirar.

« Também eu cá na vida em vão suspiro
 Por ti, por ti sómente, ó doce bem ;
 Mal sabes tu, que vives já no céo,
 Quanto soffre na terra quem perdeu
 Carinhos de sua mãe !

« Tu foste filha : sabes quanto custa
 Viver aqui sem mãe, continuo em ais ;
 Ouvir alguma voz, pensar que é ella,
 Correr após a sombra, e já não vel-a,
 E a voz dizer por fim — tua mãe, jámais ! »

E a quatro e quatro as lagrimas dos olhos
 Derivam como uns fios crystallinos...
 Oh ! quem chorar não ha de, quando choram
 Uns olhos, como os teus,
 Angelicos, divinos ?

Viste-me. Num instante os olhos roxos,
 Perennes fontes d'agua,
 No véo foste encobrir, como se acaso
 A alguem ficasse mal á vista d'outrem
 Chorar a sua magua !

Desde então nunca mais olhos de alguém
Os teus foram buscar, que os não vissem
Errando em mar de pranto, como se elles
Para sempre chorar só existissem !

Cessae tanto chorar, minha orphã triste,
Não mais tamanha dor que vos humilha :
Se o céo é dos que choram, bem vos bastam
As já vertidas lagrimas de filha !

Anjo dormente

Embala o filho pequeno,
Deixa dormir a creança,
Fructo dos nossos amores
A nossa primeira esperança.

Vês como é lindo? Parece
Nos lindos olhos, que tem,
Que Deos alli retratara
Os olhos de sua mãe!

Não vás accordal-o; deixa
Dormir o pobre innocente :
Nós temos alli um filho,
Deos tem um anjo dormente.

A' memoria de um anjo

(A SUA MÃE)

« Na tunica de arminho
Que te envolvia, triste,
Por que é que, ó meu filhinho,
Dos braços me fugiste?

« Quem é que te levou,
Ó minha branca flor,
Que assim me separou
Do meu primeiro amor?

« Se Deos nos ama tanto,
Que faz que não permite,
Que d'este infindo pranto
Minha alma resuscite?

« Mas por que espero em vão ?
 Que valem estes ais,
 Se juncto ao coração
 Não posso vel-o mais ?

« Se dor carpia afflicta,
 Achava em ti abrigo...
 Mas hoje na desdita
 Quem chorará comigo ?

« De ti, meu puro archanjo,
 Bastava-me um sorriso
 P'ra ter ao collo um anjo,
 No seio um paraizo,

« E tudo me levaram,
 Tudo o que eu mesmo amei !
 As dores só ficaram...
 Elle não mais verei ! »

Has-de vel-o, senhora, quando á noite
 Em sonhos contemploares
 Em gracioso bando
 Na vastidão dos ares
 As legiões de Archanjos, perpassando
 ✓ Por uma e outra esphera,
 Lá onde noite e dia é primavera.

Has de vel-o depois em nuvem d'ouro
Sentado nesse leito em que nour'ora
Corrias a abraçal-o em cada hora,
Que na vida contava o teu thesoiro.

E quando a phantasia t'o mostrar
Redivivo no céo á luz dos cirios,
Estou que os teus martyrios,
Senhora, hão de acabar.

Dum album

Urna de corações, augusto cofre
Das melodias d'alma,
Onde juncto do myrtho surge a palma
Da saudosa memoria de quem soffre,

Descerra-te a meus olhos,
Sanctuario de amizade:
E um nome de ternissima saudade
D'este jardim de abrolhos
Acceita-o, arca sancta, no teu seio,
Como harpejo subtil, que d'alma veio.

É mais um roxo lírio aqui plantado
Neste viçar de amores !..
Feliz, se como o lugubre epitaphio,
Recordar as venturas do passado
No meio d'estas flores.

⓪ melhor album

É um album sacrario de amizades,
 Reliquias de um amor escripto lá!
 É num album que viçam as saudades
 De tempos mais ditosos, findos já!

Num album, mais que um livro diz um nome
 Que ás vezes num cantinho escripto vem;
 Mas o album melhor de quantos ha,
 E que amores sómente em si contem,
 É aquelle que o tempo não consome
 — O coração de mãe! —

A doente

Vêde-a no leito! A dor lhe enruga a face
Agora desmaiada como a opala!
Na mais horrivel contracção da morte
O sangue lhe arrefece; o peito estala!

Contemplae-a!.. Que pena faz ao vel-a,
A rosa amortalhada entre os arminhos!
Como o lirio calcado nos caminhos
Esparge pelo chão a essencia e a cor,
Assim a formosura, a cor tão bella
Lhe fez perder a dor.

A formosura ! não : anjo do céu
 Tão perto a ver a Deos no seu 'splendor
 Parece que de novo amanheceu
 Mais repleto de graças e primor!

Os labios contrahidos tem crestados
 Pelo queimar febril ;
 Mas inda assim mudados
 A virgem os descerra num sorriso,
 Como a flor que se entre-abre ao Sol d'abril!

Na morte inda formosa, inda a sorrir-se,
 E tão breve a partir !
 Vêde-a agora... que prestes vai sumir-se
 Um tal riso no pranto que lhe vejo
 Dos olhos a cahir.

« Ai ! que tormento,
 Que negra sorte,
 Que arfar de morte,
 Que em dor desfeito
 Me estala o peito !
 Ai ! que frescuras,
 Que em vão ancejo !
 Minha mãe, onde estás, que te não vejo ?

« Quizera ainda
 Na despedida
 Dar-te com vida
 O extremo adeos;
 Depois sem maguas,
 Ó mãe querida,
 Subir aos céos!
 Mas ai! perdido,
 Triste desejo!

Minha mãe, onde estás, que te não vejo?

Se és a meu lado
 Anjo da paz,
 Conforto á triste
 Porque não dás?
 Não me conheces,
 Mãe adorada?
 Sabes se um dia
 Mais me verás?
 Ai! que martyrio,
 Cruel desejo!

Minha mãe, onde estás, que te não vejo? »

E ficava outra vez. Cruel marasmo
 Lhe assalta os seios intimos com ancia;
 Na cruz fitou os olhos: nesse pasmo
 Dirieis que subiu á eterna estancia.

Oremos, que é passada
À patria donde veio :
De Deos no eterno seio
Buscou sua morada.

De dores foi bem martyr
Essa que Deos lá tem ;
Mas de virtudes rica
Morrer soube tambem.

«Morrer, diz ella, não ; que ainda me fica
Na terra minha mãe!»

A um artista hespanhol

(EMIGRADO)

Acorrentado aos ferros do destino
Bem te vejo nos olhos a piedade ;
Tu és em terra estranha um peregrino
Em procura do sol da liberdade !

Bem vindo sejas tu, Peleu antigo,
Ao nosso templo da arte : os teus revezes
Obrigam-te a esmolar estranho abrigo,
E abrigo sempre o deram Portuguezes.

O Sol das nossas terras não tem dono,
É de todos, e a todos illumina.
O Rei não tripudia sobre o throno,
Quando o artista soluça na officina.

Terra d'irmãos a vês por toda a parte :
Aqui não entra o esbirro que te espreita;
Entra sem medo, ó sacerdote da arte,
A nossa terra as artes não engeita!

Ainda a Branca

É ella a branca filha do Mondego!
É seu aquelle olhar enamorado,
Que minha alma trazia em dessocego!

É elle! mas quão outro, quão mudado
Que meus olhos o vêem neste instante
Por mim ha tantos annos desejado!

A madeixa nos hombros ondulante
Volteia como então: a cor do rosto
Qual a vira, conserva-se constante;

Mas o mesmo não é aquelle gosto
Que tinha por me ver, quando noutr'ora
Só em mim a sua alma tinha posto.

A Branca já não é quem vejo agora ;
Que essa por me seguir á sepultura,
Comigo á sepultura tambem fora!

Inconstante mulher, bem, que não dura,
Seguiste a lei geral, és como a vaga
Onde o nauta não tem vida segura !

Anda o homem contínuo em dura fraga,
E quando vai em ti buscar abrigo,
É como a rosa que no mar se alaga !...

Deos bem sabe o que fui para contigo,
E se eu te amei ou não! Hoje que importa?
Se louco te segui, já te não sigo.

Vae tu, mulher, sósinha : a cada porta
Mendiga o pão da caridade e morre...
Se é que de ha muito já não andas morta!

O teu castigo é esse. O vento corre
Sobre os teus seios nús, e arraza e leva
Dos castellos do amor a erguida torre!

Teus imperios de luz eil-os na treva,
Nos teus altares não fuma um só thuribulo!
O amor que te elevava, não te eleva:
Cahiu-te a c'roa ás portas d'um prostibulo!

A tempestade

Do sol o facho ardente
Com os mil fulgores seus
Soltara o ultimo adeos
Das portas do occidente.

Continuo em lerdó abraço
Que os orbes amortalha
A noite ao largo espalha
As trevas pelo espaço.

É noite, noite triste,
O ceu medonho e fusco.
Em vão estrellas busco,
Pois luz nenhuma existe.

Que trevas! Nem branqueja
A luz do Sol da noite!
Apenas brame o açoite
Do vento que esbraveja!

Nos troncos das florestas
Restruge e estala em volta,
E torvo prestes solta
Horrissonas orchestras!

Que medo! É voz do inferno
Bradar de condemnados,
Ou coro de finados
Em seu tripudio eterno?

O ceo se entre-abre e fecha,
Qual soe em noite aziaga,
De luz o espaço alaga
A coruscante flecha!

Quem ha que em noites d'estas
Sahir ouse de caza,
A ver o ceo que arraza
Vallados e florestas?

Senhor, Senhor, põe medo
A lugubre toada,
Que move occulto dedo
Da tetrica morada!

Deixae, deixae que passa
A maldição do Eterno;
Se Deos é pae de graça,
Que vale a voz do inferno?

A um artista philantropico

(NUM BENEFICIO)

Eil-o sentado ao cepo do trabalho :
 Não sabe o que é descanso nem encosto...
 Como em noite serena desce o orvalho,
 O suor assim lhe cáe do anciado rosto!

E não sólta uma queixa. É um fio d'oiro
 A gota do suor que a face banha:
 É como, quando se abre algum thesoiro,
 E dentro se lhe vê riqueza estranha.

O artista assim trabalha absorto e mudo,
 Lidando na sua obra noite e dia:
 « Meu Deos, murmura alfim, eis aqui tudo...
 « Não tenho outra riqueza, outra alegria!

« Tres dias trabalhei, 'stou já cansado :
« Até a luz dos olhos se me esvae ;
« Meus filhos, não choreis.... » E neste estado
Que mais pode dizer um triste pae ?

Mas tu lhe ouviste a dor, que o peito cala,
E lhe apanhaste a lagrima teimosa.
Assim percebe Deos a muda fala,
Que se occulta na prece silenciosa !

Á luz do teu amor a magoa foge,
Como o aroma, que deixa o branco lirio.
Assim permitta Deos que a esmola de hoje
Um throno te alevante lá no empyreo !

A festa do trabalho

(RECITADA NA CASA DA ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS DE COIMBRA)

Dos berços infantís outr'ora a sociedade
 Pela mão nos guiou os passos mal seguros :
 Depois olhando ao largo « Oh ! filhos d'outra idade,
 Nos disse, o mundo é vosso, Apostolos futuros !

« A aurora do resgate acorda na officina,
 O escuro do Occidente ao mar desce ligeiro,
 Da incude sonora, o raio — a luz divina
 Resalta ao som do malho — Encelado primeiro !

« Rebenta á luz do sol das arvores o pomo :
 Da terra, a grande Madre, a arvore rebenta,
 Dos laranjaes a flor, da primavera o assomo,
 Em longa exposição a Natureza ostenta !

« Um Titan a revolve e o trabalho a fecunda,
Do templo do Universo ondeia alegre canto,
Vapor leve de incenso e de alegria a inunda,
Abençoa-a de cima o Padre sacro-santo !

« Em cada anniversario a festa do trabalho
Ao ritual antigo ajuncta um culto novo,
O dogma é sempre um só, é sempre o mesmo orvalho,
Bem que diverso cae na face a cada povo !

« O trabalho commum, religião augusta,
Façamol-a de Deus, do suor seja o baptismo,
Venha lustrar-se aqui a geração robusta,
Que indolente se estorce em longo paroxismo !

« Os chorosos nebeis se atirem á corrente
Do Cedron lamentoso, e um canto nunca visto
Da nova Palestina ascenda aereo, ingente:
Apodrecido Lazaro acorde á voz de Christo !

« Oh ! Christos do trabalho, o Sol doira a collina ;
A quem d'alma trabalha a vida é primavera ;
Um anjo está compondo a acroama divina,
Um cantico d'amor a quem trabalha e espera.

« Se é grande penitencia um improbo trabalho,
 Que bem aceite que é por quem trabalhar manda!
 Em perennal effluvio, em celestial orvalho,
 Nos cae na meza o pão sem vermos de que banda.

« É Deos que os filhos beija, é Deos que anda apanhando
 O suor que lava e lustra os cipos da realeza;
 A quem na vida lucha e o rosto expõe suando,
 Rebentam-lhe do suor diluvios de riqueza! »

Assim nos disse outr'ora a Mãe, a sociedade,
 Guiando-nos do berço os passos mal seguros;
 Assim meu canto se ergue á provindoura idade,
 Oh! filhos do trabalho, Apostolos futuros!

Bemdicta seja a mão que provida se estende
 A soccorrer o artista, a descerrar-lhe a porta;
 É como um Deos que a dor, a nossa dor entende,
 Dá luz á nossa fé, dá vida á esperança morta.

Não é virtude só, tambem é monumento,
 Que tem por pedestal o mundo, a quanto alcança!
 D'um céu toldado e escuro esplende um firmamento,
 Todo estrellas de luz, e em cada luz — esperança.

Assim quando já for sol posto ás nossas almas,
E já sem força o braço e a vista já sem brilhos,
Vinde aqui neste dia — as merecidas palmas
Hão de tel-as na mão, p'ra vós, os nossos filhos.

POEMAS LYRICOS

A feiticeira

I

De farrapos coberta a um canto escuro,
De escura habitação juncto do lar,
Como se fosse Parca do futuro,
Não cessa a pobre velha de fiar.

Esmorece a fogueira: o lume extingue-se;
Com a estopa final depõe a roca.
É tudo silencioso, mas distingue-se
Secreto balbuciar da sua bocca !

Que pode ella dizer, a triste velha,
Ao mundo que na face lhe ha cuspidos?...
Mas que dor no fanzir da sobranceira,
Que dor lhe vem do peito dolorido !

Ao restrugir da chuva no telhado
 Accende o extincto lume da fogueira;
 De novo põe a estriga, e o seu fiado
 Continua, cantando, a feiticeira!

II

«Tantos annos lá vão, tantos insultos
 Soffreram nossas mães! Crel-o me aterra!
 Seus ossos nem sequer foram sepultos,
 Negaram-lhes a terra!

«O vento lhes levou as cinzas todas,
 Quando a pyra queimava a carne d'ellas!
 Não pouparam, covardes! nessas bodas
 Às timidas donzellas!

E nós, as suas filhas, somos tidas
 Como filhas do inferno — ao que parece!
 Malditas Jozabeis, escarnecidas
 Por quem nos não conhece!

« Como a raça proscripta dos Judeos
Que nem patria sequer dos homens têm,
C'os olhos sempre erguidos para os céos
Soffremos nós tambem.

« Mas ai! não se acabar, com esta febra
Que me expira na roca, a minha vida!
Quebrara, como o fio que me quebra,
O encanto infanticida! »

III

D'est'arte procurava em seus cantares
Volver as longas noites ao serão.
Recordando a gemer os seus pézares,
Pensava dar allivio ao coração!

Allivio! que palavra, que mentira
Pretende escarnecer da sua dor!
Ao seio moribundo quando expira
De que serve o fallarem-lhe d'amor?

Com as noites que a pobre seroava
 Mais noite a sua vida lhe parecia;
 Eram da cor dos fios que fiava
 Os cabellos que a touca lhe escondia !

IV

Morreu aquella peito penitente,
 Rasgaram-lhe a punhaes
 —O coração!

Levou aquella martyr innocente
 Por preces funeraes
 —A maldição!



Duas pombas

I

Vai a sesta soltando amor e encantos
Como um beijo infantil a vez primeira ;
Pela encosta revoam doces cantos,
Que sobem d'entre os olmos da ribeira.

Andam cantando as filhas do povoado
Por entre os cinzeiras que rumorejam ;
Mettem-se n'agua, e o corpo delicado
Subtil se furta aos olhos, que o não vejam !

Macia viração branda deslisa
Na veia d'agua ciciando a medo,
Ellas sorriem presentindo a brisa,
Que vem furtar-lhes beijos do arvored.

Miram seu collo, que invejado afago !
 Quem se fora a espreitar d'entre a espessura!
 Quaes brancos cysnes em sereno lago,
 Taes se retratam na corrente pura !

Não é longo o prazer. O Sol mais brando
 Começa a declinar lá da collina;
 Rapida a sesta esvae-se, e o alegre bando
 Deixa saudoso a lympha crystallina !

Lá perpassa em tropel por entre a rama
 Do verdejante proximo arvoredos;
 Ai! dias de prazer, sois como a chamma
 Phosphorescente, que se apaga cedo!

Mas que fazem alem duas mulheres,
 Sentadas juncto á limpida corrente ?
 São saudades da sesta e dos prazeres,
 Que as fazem lá ficar tão tristemente ?

« Vês tu (dizia uma)
 Como a onda fluctua e alfim descança
 No seu leito de espuma ? »

« Assim o amor se espraia
(A outra diz) nas ondas da esperança,
Até que alfim desmaia. »

E uma a outra, unidas num abraço,
Pozeram-se a chorar; sua dor comprehendem :
Assim tambem ás vezes pelo espaço
Duas aves se beijam e se entendem !

II

Vai o Sol a cahir. Ao longe avulta
Triste mendigo, silencioso, absorto:
Traz nas rugas da face idéa occulta,
Traz nas feições a pallidez do morto !

Seus olhos choram, seu silencio espanta,
Nas orbitas a luz já não tem brilho :
Eil-o que o rosto inclina, e aos ceus levanta
Num trémulo cantar doce estribilho.

« Sumiu-se a minha fonte
Nas bibulas areias do deserto,
Como as hervas do monte.

« Meu caminhar incerto
Não me alcança no mundo um pingo d'agua
P'ra este seio aberto!

« Não tem verdura a fragua
Onde encoste meu seio, assim não tenho
Allivio para a magua!

« Às vezes mal sustenho
A lagrima que desce irresistivel
Em porfiado empenho;

« E a dor incomprehensivel
Parece que se abrandá.. Oh! triste engano,
Sonho do *impossivel!* »

E foi, quasi a cahir, sentar-se á beira
 Da lucida corrente juncto d'ellas.
 Seus olhos se espelharam na ribeira,
 Como em lago de anil duas estrellas !

Era a attracção do abysmo em baixo aberto
 A namorar-lhe os olhos de suicida...
 Era mais que morrer, vendo alli perto
 Tão lindos anjos a chamal-o á vida !

« Pombas (lhes disse), vêde,
 Vós que tendes um mar no coração,
 Fartai a minha sede. »

— O peito é um vulcão:
 Pedir ao fogo a lagrima do sancto
 É rogo sempre em vão.

Mendigo, no entretanto
 Quando bebas d'essa agua da ribeira,
 Ai! bebes nosso pranto !»

III

Conheceram-se então; buscando alento
O mendigo se ergueu, mas ficou mudo!
Como o cedro da encosta exposto ao vento,
Deixou passar por cima o norte agudo!

Conheceram-se alfim. As tristes bellas
Soluçaram seus hymnos de saudade.
Fallava só de amor o canto d'ellas,
O canto da sua alegre mocidade!

« Que lindo vai no céu com vôo igual
Brincando descuidoso
De pombas um casal!

Que lindo! como em extasis de gozo
Se beijam num suspiro
D'amor delicioso!

Ás vezes quando em sonhos eu deliro
Na tepida bafagem
D'um ar que então respiro,

Parece estar-lhes vendo a linda imagem
Mirando-se nas cores
Da candida plumagem !

E quem ao ver reunidos taes primores
Não fôra alli matar
A sede dos amores ! »

« Fui eu, pombas do céo, que ao despertar
Do sonho em que eu andava
Matei quem me matava
Em vossos lindos seios de invejar !

Fui eu, que namorado de vos ver
Diante de meus olhos,
Me fui calcando abrolhos
Aos vossos pés morrer.

Fui eu que num excesso de demencia,
Quando os olhos ergueis para os céos,
Do vosso excelso throno de innocencia
Vos tombei no inferno, anjos de Deos! »

E ao fallar assim tomba de chofre
Na garganta do pego que o devora ;
Assim sabe acabar quem tanto soffre,
E não encontra a luz da sua aurora !

IV

Porque choram alem essas mulheres
Sentadas junto á limpida corrente ?
Sobre as ruinas de infantis prazeres
Deixai correr seu pranto livremente !

ancião

(NO DIA PRIMEIRO DE DEZEMBRO)

1

Não vêdes sobre a rocha o pobre velho †
 Sósinho contemplando a sua espada ?
 Tres vezes a beijou: sobre o joelho †
 Pende-lhe a face languida, mirrada !

Por entre as cans senis os dedos passa, †
 E absorto continúa a meditar... †
 Mas que idea na mente lhe esvoaça -
 Ao ver ao longe a aurora a despontar ! ~

Ergue-se em pé saudando o novo dia,
 Pelas faces lhe cáe saudoso pranto;
 De jubilo seu rosto se enebria,
 E aos ventos solta assim dorido canto !

« Como é grande o momento do combate !
Foi assim que meu pae te disse outr'ora.
Como é linda esta aurora do resgate!
É assim que o seu filho diz agora.

« Esta espada, que entrou em cem batalhas,
Que lembranças me traz de meu bom pae !
Com ella não temeu rei, nem metralhas,
Pelas balas passou sem dar um ai !

« Foi neste dia... Lá morreu involto
Nas armas inimigas, la ficou.
De que vale um suspiro, ao vento solto,
Se dos ferros a patria libertou ?

« Desperta, ó minha terra! ao vir da aurora
Desenrola as bandeiras triumphaes :
Entrança os verdes louros, muito embora
Lá ficassem no campo nossos paes.

« Renasça nos teus filhos a alegria,
Recorda-lhes depois teus altos feitos !
Oh! se para vergonha houvessem peitos
Que a ti se não rendessem neste dia !

3

« Não pode ser: o doloroso grito
 Da nossa antiga liberdade escrava
 Dilacera, qual fogo d'uma lava,
 O peito do proscripto !

« E nós fomos proscriptos por traição
 Das nossas regalias e poder ;
 Cahimos pouco a pouco sem saber
 Nos ferros da prisão !

« Quizemos ver a luz do sol querido,
 A luz da liberdade em que nascemos ;
 Em balde... era já tarde ; não podemos
 Vingar o bem perdido !

4

« Sessenta annos de lagrimas regámos
 Este solo que o sangue baptisou :
 Nossa voz no deserto em vão clamou,
 Pela espada de Affonso em vão clamámos.

« Era a vaga na lide irrequieta,
 Que reflue e se parte e não se extingue ;
 Era a ancia do martyr que se inquieta
 Por ver que não encontra quem o vingue !

« E o tigre tripudiando estende a vista
 Ufano vendo aos pés povo de bravos;
 Do throno põe-se a rir... não se contrista
 Vendo chorar assim os seus escravos !

« O coração exausto mal goteja,
 Cada peito se sente quasi exangue !
 Farte-se muito embora, ao menos veja
 Na purpura real nodoas de sangue !

5

« Soltámos nossos pulsos roxeados
 Para brandir a espada marcial;
 Votámos nossa vida a Portugal,
 Com elle nossos paes foram vingados !

« Foi o sangue dos filhos o resgate
 Da patria que nos deu a cara vida;
 Bem cara nos ficou, mas em remate
 A furia castelhana foi vencida !

6

« Triumpho aos Portuguezes, gloria, gloria,
 Neste dia solemne e memoravel !
 Festejemos o dia da victoria,
 A palavra do amor sancto, ineffavel !

«Retumbe nossa voz em som dobrado
Como os ecos longinquos do trovão;
Muito embora me estale o coração,
Hei de á patria votar mais este brado :

«Patria dos Albuquerque, patria minha,
Depois de seres escrava eis-te rainha !»

7

A voz lhe fica preza na garganta,
Sente ao longe os festejos na cidade;
Quer ir, mas já não pode, e em magua tanta
Lembra-se de seu pae, sente saudade !

E as lagrimas teimosas lhe cahiram
Na espada, seu amor, amor primeiro;
E os ecos inda ao longe repetiram
Os ultimos suspiros do guerreiro !

A ausencia

Eil-a, coitada, á janella
Cantando a triste Leonor:
Se o canto diz quanto soffre,
Olhae que estremos de dor!

Noites e dias inteiros
Leva-os a pobre a cantar;
Que maguas taes, como as d'ella
Ninguem as pode occultar.

« Os meus primeiros amores
A mim alguem m'os levou ;
Mal haja quem dos meus olhos
Para sempre m'os tirou !

« Quem vive do amor ausente
Que venturas pode ter?
Vida sem elle não é vida;
Assim quem ha de viver?

« Quem tiver tristezas d'alma
Venha comigo chorar;
Que o chorar faz bem aos tristes,
Faz as maguas olvidar!»

Assim cantava, e chorando
No extremo da sua dor
A pobre se consolava
Da ausencia do seu amor.

Depois um dia calou-se,
Ninguem a viu mais cantar...
Á espera do amor ausente
Morreu de tanto chorar!

Somasco¹

(MILAGRE DA INSTRUÇÃO)

I

Que linda noite de Italia,
 Que festa d'amor sublime!
 Quando a brisa beija a dhalia
 E a hera se enlaça ao vime!

E cada virgem que chora
 Mais parece que sorri,
 Se um raio d'amor implora
 Á sombra de Alighieri!

¹ Os *Somascos* são clerigos regulares de Italia. O seu Instituto deve-se ao veneziano Jeronymo Ameliani. O fim do *Somasco* é instruir e socorrer os pobres. A Italia sabe o quanto deve a estes padres, assim como a França aos Doutrinarios.

E cada estrella que nasce
 É como um anjo que falla,
 Que diz á nuvem que passe,
 E á onda que o mundo embale !

E a vida, que é leve ondina
 Das ondas do inquieto mar,
 Desfaz-se em baixo : bonina,
 Desfaz-te o vento no ar !

Milanez no mundo a treva,
 La nos ceos o norte e a luz :
 Este amor, que a Deos te elevá,
 Ao seio do amor conduz.

Noite de eterna poesia,
 Ó noite splendente e bella,
 Que amor que Deos nos envia,
 Que benções em cada estrella !

II

E o Milanez, de olhos baços,
 (Que mysterios que o amor tem !)
 Foi dirigindo os seus passos
 Por esses montes alem.

Padre, que fazes sósinho
Com teu roزاری na mão?
De noite por tal caminho,
Que negra a tua missão!

Ouvem-se alem no mosteiro
Os teus irmãos a orar,
E tu, perdido romeiro,
Por esta serra a vagar!

Ficaram padres no côro
E foges da oração!
Ai! que soluços, que chôro
Te sahem do coração!

Que tens tu, meu sancto frade,
Que assim te pões a chorar?
Algum segredo... e quem ha de
Fazer-te assim caminhar?

—Quem me perguntá o que faço,
Quem nestes montes fallou? —
E foi seguindo o seu passo,
Até que a um povo chegou.

III

Bateu á porta de um pobre,
Veio o pobre sem demora :
« Não tenho ceia que sóbre
Para quem vem a tal hora. »

Correu uma e outra porta,
De dentro ninguem fallava :
Parecia que estava morta
A gente que alli morava.

Todas as casas correu,
Té que nas pedras da rua
Sentou-se, quando appareceu
No céo a brilhar a Lua.

Ergueu-se o pobre do monge,
Em volta olhou, ninguem viu :
Fitou os olhos a longe,
Poz o capuz, e partiu !

IV

Tres noites e mais um dia
Passou na cella a rezar :
Não fallava, nem dormia,
Era um continuo scismar.

Seus olhos não tinham pranto,
Que alli se não derramasse;
Pois onde o cuidado é tanto
Não faltam prantos na face.

Ergueu-se alfim do lethargo,
Seus olhos na cruz fitou:
« Meu Deos!... se o mundo é mar largo...
Que importa que o seja? Vou... »

Que dor assim te consome?
Onde vás assim absorto?
« Vou dar pão a quem tem fome,
Resuscitar quem está morto. »

V

E partira á pressa o monge
Correndo de monte em monte!
Ja o Sol doirava ao longe
As extremas do horisonte.

Eil-o que chega á montanha,
Fica em baixo o ingrato povo:
Oh! que alegria tamanha,
Prenuncio de um dia novo!

Desce rapido a collina,
Seus olhos lança ao redor,
A todos seu rosto inclina,
A todos falla d'amor!

Eil-o o Apostolo sublime,
Eil-o á luz do novo dia!
Em seu rosto o amor se exprime,
Em sua voz canta a harmonia!

Um raio de Deos o inspira,
Abre os braços, mostra o ceos,
O povo geme, suspira....
Ganha mil almas p'ra Deos.

Mais tarde, quando o romeiro
La passou por horas mortas,
Não teve um só hospedeiro,
Teve mil a abrir-lhe as portas!



⓪ abysmo

ANTEA

Às horas tristes da noite,
Quando o silencio e o mysterio
Fazem surgir pelas sombras
Phantasmas d'um sonho aerio,
Um vulto, que mal se via
Na cerrada escuridão,
Desabafava dest'arte
Os estos do coração:

« Quem sabe quando virá !
Se a mimosa flor d'um dia
Do eterno fogo á ardentia
Na sua haste murchará !

Se verei, olhos enchutos,
 No labio o rir do maldicto,
 Cahir do ramo bemdicto
 Esse aureo pomo fatal
 Inda antes de sasonar!

Ai! se o verei por meu mal!...
 Mas de que vale o chorar
 Se a culpa não tenho eu?
 Se as lagrimas d'um precito
 Não as vê Deos la do céu?

Se a verde trança da hera,
 Que em dias de primavera
 Veceja pelas paredes,
 — Vergontea, que vós não vêdes,
 Humanos sem coração! —
 Levada pela rajada
 Verei cahir abraçada
 Co'os muros do torreão!...

Não venhas por taes caminhos;
 Que os internos escaninhos
 Do teu amor não sei eu.
 Não venhas, anjo querido;
 Que eu não sei se ao vil perdido
 Virá o indulto do céu!

Mas porque tremo, porque
Neste momento feliz ?
Ai! magua, que se não vê,
Mysterio, que se não diz !

Homem vil, desnaturado,
Genio do mal renegado,
Na terra amaldiçoado,
Que vales tu mais que o pó ?
Bacchante, lá nas orgias
Perdes d'alma as harmonias,
E nas sujas tropelias
D'esse mundo imperas, só !

Verme, que fazes da crença,
D'esse thesoiro celeste,
Arrimo do coração ?
Ai! vergonha! que a perdeste...
Mais do que isso, que a vendeste
No banco da corrupção !

E essa luz, que te guiava,
Que do céu tanto fallava,
Que é d'ella, torpe villão ?
Ethereo lume apagou-se
No inferno da perdição.

Pousa-lhe a pomba na mão,
Mira-se nelle a coitada,
E em lugar de ser amada
— Ingrato! — pisa-a no chão!

E por cumulo d'affronta,
Que nem a côr lhe mudara,
A todo o que passa, aponta
A rosa, que alli murchara!

Depois, com fria risada,
P'ra que a pobre mais se humilhe,
« Cuspi-lhe todos, cuspi-lhe ;
« Que é infame a deshonrada,
« Esse monturo, que vêdes,
« Corpo sem alma, sem nada. »

Oh! maldicto foi o dia,
Que o homem ao mundo veio!
Entrou-lhe a hydra no seio,
Que lhe trocou a alegria
Da sanctidade primeira
Pela perpetua agonia
D'um ancizar sem ter fim!
Anceio, que traz a morte
No viço da juventude!
Anceio, que não tem norte

A não ser contra a virtude !
Que sem leme, onde se escude,
Ferindo as turbas avança,
Corre, não pára e não cansa,
Como contagio ruim !
E temos culpa? Eu por mim
Melhor me fora morrer !
Sempre este vulcão a arder
Aqui dentro d'este peito !
Sempre esta guerra de morte ;
Sempre esta maldicta sorte
Sem nunca um oasis colher !
Sempre num crivo d'abrolhos
Ver diante dos meus olhos
A luz, que me ha de perder !
Luz, que não guia, mas que erra,
Que o homem do céu desterra
Que lhe abre as portas do inferno !...
E depois inda saber,
Que essa luz me ha de perder...
Oh ! meu Deos, quanto melhor,
Melhor me fora morrer !

Mas porque tremo, porque
Neste momento feliz ?
Ai ! magua, que se não vê,
Mysterio, que se não diz !...

Mas tu não vens, minha vida,
Que sorte a d'este infeliz !
O meu destino me perde ;
Que eu sinto prender-me aqui !
Oh ! por Deos nunca tu venhas
A saber o que eu soffri
Nestas horas de incerteza,
Que me trazem a alma presa
Tremendo sempre por ti !

O meu destino é veneno,
Que te ha de matar, amor...
Veneno, que ha tanto sinto ;
Fujamos d'elle, que o absintho
Traz la no fundo o travor !

Quebre-se este meu encanto,
Que me prende a este logar !
Por ti, por mim, vou deixar
Remorsos de toda a vida !
Se me não vires... ai ! querida,
Não chores, por Deos t'ó peço ;
Porque o pranto não tem preço,
Se o crime o faz arrancar ! »

INTEREA

Vós não sabeis o mysterio
 D'uma lagrima que chora,
 Quando á noite a Deos implora
 Que lhe perdõe o seu crime!
 Vós não sabeis quanto soffrem
 Os corpos que andam já gastos
 De tanto andarem de rastos,
 Sem verem Sol que os anime!

Era um espectro esse vulto?
 Quem sabe? Seu tom blasfemo
 Seria o grito supremo
 D'um moribundo que expira?
 Não sei; corria na sombra,
 E na sombra se occultava,
 Quando uma voz que esperava
 Já perto d'elle suspira:

«Pelas horas do silencio,
 Horas de acerbo penar,
 Quem não vem á capellinha
 O seu amor procurar?»

« A noite fel-a o Senhor
 Para segredos guardar ;
 Que nesta hora, mais que nunca,
 Só Deos nos vem escutar.

« Quem não vem á capellinha
 O seu amor procurar,
 Deve ser mouro ou gentio,
 Sem coração para amar.

« Eu tambem venho d'aldeia,
 Só para haver de fallar
 Ao amor, que trago n'alma,
 Que me vem hoje esperar.

« E quem sabe se o verei,
 Se o poderei encontrar?...
 Ó meu amor é fiel,
 Não me podia enganar ! »

— Ó pomba, que vens de longe
 — O vulto lhe volve triste —
 Mal haja a luz que em mim viste
 Se nella te vens queimar ;
 Olha que a luz infinita
 D'esse amor, em que te abrazas,
 Bem pode queimar-te as azas
 Com que ao céo podes voar !

«Que me importam minhas azas,
 Se o meu céu é nos teus braços?
 A minha c'roa de virgem
 Vale bem os teus abraços...»

Depois silencio profundo:
 Apenas de quando em quando
 Se escutava suspirando
 Languidos ais no arvoredo!...
 E a Lua não disse ao mundo
 Nem o mundo ao certo soube
 Os mysterios que alli houve
 Naquella noite, em segredo!

.....

POSTEA

—Vai! Não luctes, que é baldado;
 Que o destino ninguem vence,
 Que a victoria só pertence
 A quem mais força tiver;
 E tu sabes que és mulher...
 E que a nossa estrella má
 Protestou de nos perder!

Mas porque choras agora?
Choras por ver que a levada,
Que conduz á perdição,
Leva a rosa desfolhada
Que o vento lançou no chão?

« Pois não havia chorar,
Vendo-me no mundo assim?!...
Ai! minha mãe, que dirás
Ao pôr os olhos em mim?

« A sua filha era um anjo,
Como sempre lhe chamava,
Era o nome que lhe dava
Sempre que ao peito a abraçou...

« Hoje mal sabe a coitada
Que sorte negra e mofina
Por esse mundo encontrou...
Que esta pobre desgraçada
É a mais desventurada,
Que Deos ao mundo deitou!

« E perguntas porque choro
Vendo-me no mundo assim?!
Que dirá o mundo agora
Ao pôr os olhos em mim?

« Meu pae, perdôa á tua filha,
— Que só nisto ella peccou! —
Por Deos, por Deos não maldigas
Quem sempre tanto te amou;
Que á mulher arrependida
Jesus tambem perdoou. »

— Vai-te, mulher, e não chores
A sorte, que nos perdeu!...
A culpa não na tiveste,
A culpa tive-a eu...

Eu! quem sabe?... Não importa...
Não chores, não chores... não;
Se Deos forças nos não deu,
Pode-nos dar o perdão...

Ⓢ noivado mystico

(1600)

I

Entrae no templo: a aurora,
Que espreita das florestas,
Tambem contempla as festas
Que la vão dentro agora.

Transbordam pela nave
Torrentes de harmonia,
E o som do orgão cicia
Melifuo, austero e grave.

Do coro a voz maviosa
O extase affervora,
Qual cythara sonora
Por noite silenciosa.

As lampadas desprendem
Myriadas de lumes,
No ar andam perfumes
Que dos altares rescendem.

A esposa... ó Sol que nasce,
Ó linda Sulamite,
Que flor ha ahi que imite
As rosas da tua face?

E os risos de candura,
E os teus olhos tão bellos,
Quem ha de ir depois vel-os
Fechados na clausura?

E as tuas lindas tranças
Vel-as no chão cortadas,
Quaes folhas arrancadas
D'um lirio, todo esperanças!

Mas vae... belleza tanta
Vae dal-a ao sacrificio;
Agora o teu cilicio,
Depois a patria sancta.

E a musica gemia
 Nas teclas do orgão sancto,
 Acompanhando o canto,
 Que assim lhe respondia :

« Nas regiões do empyreo
 Lá onde o Sol rebrilha,
 Lá onde Deos perfilha
 As filhas do martyrio,

Lá onde o occulto amor
 Vae consummar seu fado
 Em mystico noivado
 Nos braços do Senhor,

A esses mundos d'ouro
 Os anjos te conduzam
 E em roda se produzam
 Do virginal thesoiro,

Que levas no teu seio
 Ao teu divino esposo,
 Que delirando em goso
 A receber-te veio.

Que o mundo mais não veja
Quem hoje se encaminha
A trabalhar na vinha
Da celestial Igreja.

Vae, doce esposa, vae
Sagrar mystico laço
Num suspirado abraço
Na casa de teu pae.

Jerusalem se ergueu
Co'as suas filhas todas;
Vem assistir ás bodas
No dia do hymneu.

As portas 'stão em par
E o leito preparado...
Mysterio recatado
Vae dentro celebrar.

Por ti á espera deve
De estar o teu amante
No thalamo olorante...
Vae, pomba cor de neve!

Vae, lirio de Sião,
Das vestes a candura,
Realce a formosura,
Retrate o coração!

Abaixa o lindo veu
Por sobre o lindo rosto,
Sejas como o Sol posto,
Que em nuvens se escondeu.

Vae, doce esposa, vae
Sagrar mystico laço
Num suspirado abraço
Na casa de teu pae.

II

Ja mal se escutam passos
La dentro no sanctuario:
Abrira-se o sacrario,
Fecharam-se os abraços...

Descera alfim o' veu,
O templo se fechou:
Mulher, que tanto amou,
Surgira para o ceo.

..

A oração da noite

I

O meu amor anda errante
Nas ondas do mar escuro,
A Virgem nossa Senhora
M'o traga a porto seguro.

Os ventos gemem queixumes
Pelas ramas do arvoredos;
Os lobos uivam na serra,
Até os lobos têm medo.

As crujas no meu telhado,
Se advinham gente morta,
Morte lhes venha que as leve
P'ra longe da minha porta!

Já toda a gente descança,
Só eu reso em meu rosario;
A Virgem, mãe dos affictos,
Me tire deste fadario.

Nas ondas do mar sagrado
Meu amor anda sósinho,
Quem lhe acenára c'um lenço
E lhe mostrara o caminho!

A noite corre tão negra,
É tão medonho este vento!..
Virgem, Senhora, trouxei-m'ó
Ao porto de salvamento...

II

Tres dias já são passados...
Ao fim do terceiro dia
Resavam juntos, á noite,
Aos pés da Virgem Maria!

A mãe

Horrendo desabrocha
O vendaval no mar!
A vaga contra a rocha
A furia vae quebrar.

Arqueja horrído alento,
Nas praias urra alem,
Infrene como o vento,
Que términos não tem!

Á luz, que a Lua manda,
Se vê sobre o alto mar
Barquinho que lá anda
Nas aguas a lutar!..

Alem, ó Deos de graça,
Que quadro lá se vê!
A mãe seu filho abraça
No fragil lenho em pé!

O filho ao ceo levanta,
E os olhos põe no céu;
« E ha de em ancia tanta
Morrer o filho meu?

« E ha de a mãe afflicta
Seu filho ver morrer?
E numa tal desdita
A vida assim perder?

« Senhora, ao porto amigo
Segura me guiae,
E sob o vosso abrigo
O filho meu tomae...»

E o barco fluctuante
Ao largo pelo mar
A vaga o leva errante
Contínuo sem parar!

Nas ancias d'esse inferno
Duas horas ja la vão...
Milagre, Deos eterno,
Quem viu, como esse então ?

Portanto, como o de hoje
Quem faz, ó pae d'amor?
A tempestade foje
Ao mando teu, Senhor!

A cerração se eleva,
A calma desce ao mar,
De manso o vento leva
As nuvens pelo ar.

Nem brisa emfim volteia,
Nem vento ruje lá!...
Da praia sobre a areia
Que estranho vulto está!

É a mãe no chão orando
Que junto o filho tem,
A ti mil graças dando,
A ti, celeste mãe!

Ⓞ Dobrar dos sinos

É noite, filha: não ouves
La em baixo o sino dobrar?
Deixa o trabalho, meu anjo,
São horas de descansar.

Juncto de mim vem sentar-te,
Allivio da minha dor,
Anjo, que á vida me prendes
C'um teu sorriso d'amor.

A teu pae ambos oremos
Que peça juncto de Deos,
Que te dê felicidades
Cá na terra e lá nos céos.

Era ao som que sinto agora
Que juncto ao fogo do lar
Teu pae, filha, te ensinava
Á Mãe de Deos a orar.

E tu, anjinho, pedias-lhe
Por mim, por elle e por ti...
Depois, um dia, ó desdita!
Tudo com elle perdi!

Morreu-nos; orphãs e pobres
Por que vivemos não sei !...
Um beijo, filha, me pague
As vezes que te beijei!

Donde estou bem ouço ao longe
Teu pae chamar-me de lá:
Um abraço, o derradeiro,
Em tua mãe, ó filha, dá!...

«Que dizes, ficar no mundo
Sósinha sem ti, ó mãe!
Não hei-de, não; que se fores
Irei contigo também!»

E um abraço mais estreito
Vae no collo da mãe dar,
E mudas olham-se, e logo
Ambas se põem a chorar.

Depois no dia seguinte
Dobram os sinos alem ;
Era a filha que expirava
Sobre o cadaver da mãe !

A cruz

POESIA APOCALYPTICA

Ao longe o ribombar de enraivecidos roncoss
Embate e ruga iroso ao pé dos grossos troncos,
Que monges semelhando em cima d'um pinaculo
Contemplam em silencio esse horrído spectaculo!

Mas taes phantasmas vêde, ao longe como vão
De val em val cahindo ao som do furacão!
Pasmae vendo-os ruir, bem como um gran'penedo
Que um dia se soltou de cima de um rochedo!
Parece que anda ali o genio das tormentas
Em nuvens envolvido espessas, nevoentas,
A desfazer, prostrar com os pés agigantados
O roble e os matagaes no fundo dos vallados!
Depois, erguendo a juba e os olhos retorcidos
Ao céo que lhe restruge em cima dos ouvidos,

Os membros alongando estende ao firmamento,
 E logo o céo desaba em terra 'num momento!
 Confundem-se 'num mar que a mente nos aterra
 As ondas, ar e céo e quanto aqui se encerra!
 Num cahos se dilue o *Todo*, e em nada jaz!...
 O que em seis dias fez, numa hora se desfaz!

Mas não desfez; que o Pae, que tem na sua mão
 Os mundos quantos ha por toda a creação,
 Não quiz que 'num momento volvesse ao exterminio
 De todos o mais nobre, o mais rico dominio!
 E andava assim o mundo! O crime era o gigante!

Qual manda em seu solar o mais bravo imperante,
 Mandava em seu imperio, ao homem sonogado,
 Mais que um Deos... Senhor de quanto se ha creado!
 Maior que em mole immensa os Titans soerguidos
 Scallar pretende os céos com os braços atrevidos!
 E nem o raio vi... e nem igual portento
 O insano fulminar lá do ethereo assento!
 E em troca ouvi rugir desesperadas vozes
 De victimas sem conto ás mãos de seus algozes!
 E o inferno estremecia ao ver só cannibae
 Sem se fartarem, vis! de tanto chôro e ais!

E andava assim o mundo... e o mundo era um abysmo
 Aonde o homem louco, em torvo paroxismo,
 Cahia sem que houvesse alguém, que fosse erguel-o
 D'aquelle eterno somno — eterno pesadello !

E as fauces lá no fundo abertas, sequiosas,
 De horrífico dragão, de garras sanguinosas
 Metiam medo ! E ao vel-o erguer-se lá do fundo
 E vir ao cimo e olhar por esse grande mundo !
 E mais era de ver librar-se pelo espaço
 E abarcar a esphera em seu immenso abraço !
 E esse monstro enorme, assombro de gigantes,
 Já novo, já edoso, e as forças mais possantes,
 Não era de honte ou de hoje; ha annos quatro mil
 Fechava, qual pastor o armento em seu redil,
 A velha raça humana, afflictá, agrilhoada
 Ás gargalheiras d'oiro, á servidão amada !

E d'oiro era o seu idolo e torpe o seu altar,
 Que se avistava erguido além no lupanar !
 E o homem, e a mulher, e o velho e a creança
 Depunham lá sua creança — a unica esperança
 Que herdaram de seus paes no dia da partida
 P'ra estancia mais incerta e mais desconhecida !

« Desconhecida ! como ? E o Deos d'alta grandeza ? »
 Assim Socrates disse, palpando a Natureza
 E Deos ? quem falla nelle ao pé d'esse dragão
 Que não temeu a voz e o genio de Platão !

E ja nem voz havia, ao menos que dissesse :
 Se eu fosse um Deos e ao fundo agora la descesse,
 Traria ao porto e á luz o homem sem fanal,
 Que se revolve em baixo em lucta desigual !..

E os annos vi passando e a noite sempre a mesma,
 Sem Paschoa apetecida ao cabo da quaresma !
 Depois, como o direi ? Eu vi por mim passando
 Mil gerações correndo unidas num só bando
 Cobrir a Palestina ebria pelo sangue
 Dum homem que era mais que um Nazareno exangue !
 Vinham como a tremer com os olhos semigastos
 De tanto meditar nos sibyllinos fastos !
 Traziam entre mãos mil versos, mil augurios
 Studados na cidade, e mesmo nos tegurios !
 Olhavam para o céu, e o céu lhes respondia
 Em lingua segredosa o quanto por lá ia !
 E eu estava só, callado e contemplando
 No que essa gente vinha fazer ali em bando,
 Se não quando radiante assurge o Sol fecundo
 Alumando ao longe a vastidão do mundo !

Esplendoroso vinha a mais não poder ser...
 Os anjos a cantar, e o sol a amanhecer!
 Os astros pelo espaço a reluzir, saltar,
 E o homem stupefacto ao ver um tal brilhar!

Insolita era a luz... e mais espanto havia
 Em ver nascer o Sol d'uma mulher — Maria! —
 A flor de Jericó, o lirio dos palmares,
 Thuribulo do céu embalsamando os ares!
 Era um folgar sem fim, um prazer sem medida
 O ver brotar da terra a arvore da vida!

E eu ouvindo o hossana, o hossana triumphal,
 Que a natureza toda erguia á celestial
 Morada, parecia estar-me a um tal ençanto
 A mente a endoidecer ouvindo aquelle canto!
 E puz-me a ver de onde um tal cantar provinha,
 Que bem pensava eu que d'ali perto vinha!

Que vi? Palhas no chão o leito offereciam
 Ao Rei que os reis da terra em casa não queriam!
 E nesse humilde feno um throno se elevou,
 E em cima o Rei do mundo o mundo contemplou!

Depois, quando esses veos que os orbes enluctaram,
Dos porticos do céu á terra se rasgaram,
Que viram nesse instante os cimos de Sião?
As gerações aos pés da Cruz da redempção!

Sol à sombra

1— A FEBRE DOS AMORES

La quando em fins da tarde o Sol expira
 Cahindo sobre as aguas,
 Como é sublime o vate, se suspira
 Cantando as suas maguas!

O POETA (sentado 'num rochedo á beira-mar)

« Corre veloz pensamento
 Por essas ondas alem,
 Leva nas azas do vento
 As penas que esta alma tem!

« Vae, mas não digas por onde
 O coração me ficou;
 Não quer o amor, que se esconde,
 Que saibam quem lho roubou.

« Não digas, mar, os segredos
 Que dos meus labios ouviste;
 Que ninguem saiba, no mundo
 O que me faz andar triste.

« Estrellas do ceo, callae-vos
 Pelo silencio da noite;
 Que eu já não tenho no mundo
 Coração, onde me acoite !

« E vós, archanjos celestes,
 Que me escutaes os lamentos,
 Se por mim vos perguntarem,
 Não conteis meus pensamentos.

« Que nunca saibam por onde
 O coração me ficou;
 Não quer o amor, que se esconde,
 Que saibam quem lho roubou.»

Pungiu-lhe fundo 'nalma aquelle canto
 Que o pensamento erguia juncto a Deos!
 Como na áncia final o moribundo,
 Desejava morrer sem tantas dores!
 Via finar-se ali ao pé das aguas,
 E estalava de sêde! Tantas luzes
 Surgindo pelo fundo azul do espaço,

E morria nas trevas! Tantos anjos,
 Transparecendo alem de tantos mundos,
 E morria sem ver a doce esmola
 Do amor, que os anjos dão entre suspiros!
 Pobre louco! Num seculo de bronze
 Quem já ouvidos presta a ouvir cantigas
 Que não tenham *do cobre* os estribilhos?
 A voz se lhe sumira 'num queixume
 Tão fouxo murmurado, que o dissereis
 Languidos echos d'intimo suspiro!
 Depois, como se os anjos 'num sorriso
 Lhe acordassem a esperança adormecida
 Nos sepulchros do peito, a voz levanta:

«Gelaram-se-me as lagrimas nos olhos,
 Mas não ficou gelada a minha dor:
 Partiram meu baixel entre os escolhos,
 Mas não ficou partido o meu amor!

«Toldaram-me de nuvens a minha alma,
 E não ficou toldada a minha estrella:
 Roubaram-me do peito a doce calma,
 E não ficou roubada a imagem della!

«Tiraram-me essa luz que era o meu norte,
 Mas não ficou tirada a ancia minha:
 Trocaram minha vida pela morte,
 Mas não ficou trocado o amor que eu tinha.

« E que me importa a mim que gele o pranto,
 E se parta entre escolhos meu baixel,
 Que as nuvens da tristesa com seu manto
 Toldar minha alma venham em tropel?

« Que me importa roubarem-me do peito
 O socego e a luz... depois a vida?
 Só morre a luz da esperança, a que ando affeito,
 Quando a luz do meu anjo vir perdida! »

BEATRIZ (occulta detraz d'uma penha)

« Se um dia a tua esp'rança for perdida,
 Então chora o teu anjo que é sem vida! »

O POETA (tomado de surpresa e pasmo)

« Quem vem ao er'miterio
 Do triste anachoreta,
 Saber negro mysterio
 Da alma do poeta?

« Quem vem ao sanctuario
 De occultas orações,
 Co'a chave do sacrario
 Abrir dois corações?

« Quem vem ao oceano,
 Por onde a alma navega,
 Mostrar do abysmo o arcano,
 Se nelle a alma se cega ?

« Quem é que entra na gruta
 Do solitario monge,
 E põe ouvido á escuta
 Á voz que vem de longe ?

« Quem é que assim se atreve
 A interrogar o vulto,
 Que entre os mysterios deve
 Ficar p'ra sempre occulto ?

BEATRIZ (surgindo na crista do rochedo)

« Qual é a voz tremente
 Do peito maguado,
 Que invoca docemente
 O seu anjo adorado ?

« Qual é o triste monge,
 Que dentro da sua gruta
 Á voz, que vem de longe,
 Põe seu ouvido á escuta ?

O POETA (reconhecendo-a)

« Sou eu, ó minha irmã, ó minha amada,
Meu lirio de Sião !
Bem me dizia a mim, que eras chegada,
A voz do coração !

« Bem senti eu de perto o teu perfume,
Minha fragante rosa !
Bem previ do teu intimo queixume
Que eras a minha esposa !...

« Não ves aquellas aguas,
Que vão de encontro á rocha
Em fervido cachão ?
Olha: são minhas maguas,
Que o inferno desabrocha
Dentro do coração !

E quando a branda aragem
Correndo pelo mar
Os escarceus acalma !...
Olha: é a tua imagem,
Que vem allivios dar
Ao fogo da minha alma ! »

BEATRIZ (apontando para os céos)

« Ves la em cima as estrellas
Alumiando dos céos?
São teus olhos como ellas
A guiar os passos meus !

« Ouves a musica etherea
Que os anjos cantam nos ceos?
É tua voz harpa aerea
Que enleva os sentidos meus !

« Ouves a vaga indolente
Que eleva os sons para Deos?
É a harmonia gemente
Que nos abraça nos ceos ! »

O POETA (na maior effusão de alegria)

« E não vens tu do ceo, perola minha,
Da croa do Senhor?
Acaso não és tu, alva pombinha,
O proprio ceo do amor ?

Num abraço, meu anjo, docemente
 Affoga meus desejos...
 Dá-me que nos teus labios experimente
 O doce de teus beijos!.. »

Oh! que apertados abraços
 Que mutuamente se dão!
 Quem sentiu mais fortes laços
 Que os laços do coração?
 E comtudo no momento,
 Em que a ventura os junctou,
 Veio um negro pensamento
 Que os seus abraços quebrou!
 Era forçosa a partida,
 Foi-se a virgem suspirando,
 E ás auras frescas da noite
 Estes suspiros soltando :

« Se o amor é lavareda
 La nos infernos a arder,
 Eu não sigo outra vereda,
 Irei no inferno morrer!

« Se o amor é oceano
 Onde perdemos o norte,
 Eu não darei pelo engano
 Nem mesmo ás portas da morte!

« Se o amor é sepultura
 No coração escavada,
 Eu não quero outra ventura
 Do que ser la sepultada !

« Mas se o amor é perfume,
 Que embriaga o coração,
 Sejam teus olhos o lume
 Que me leve á salvação ! »

O POETA (ouvindo a toada longinqua das trovas
 de Beatriz, exclama)

« E os teus o que são, anjo formoso,
 Formoso como o Sol?
 Não são elles em mar tempestuoso
 Como acceso pharol?

« Não são elles a minha Providencia
 No mundo da minha alma?
 Quem traz ao peito meu suave essencia
 Que a sua dor acalma?

Quem faz que eu nunca veja mais que rosas
 Onde medram abrolhos?
 Quem me banha nas ondas deleitosas
 A não serem teus olhos?

II—O BAPTISMO DAS LAGRIMAS

O POETA (encostado ao tronco d'uma arvore no jardim de Beatriz espera pela sua amante. É meia noite).

Que festas la dentro, que innumeradas galas,
 Que sons, que murmurios se perdem, se vão!
 As luzes rebrilham nas tremulas salas,
 As muzicas soam no vasto salão!

Era o delirio d'um baile
 A festa da fidalguia:
 Cada qual depõe o chaile
 De quantas damas havia!
 Era o delirio d'um baile
 A festa d'aquelle dia!

As brancas saias alvejam
 Mostrando o lindo bordado,
 Sobre a cabeça se beijam
 As ondas do penteado!
 Lindos vestidos branquejam
 Mostrando o lindo bordado!

Mas quem não fita essa virgem
Que um anjo de Deos parece!
Nos deliquios da vertigem
La murmurou uma prece...
O que diria essa virgem,
Que um anjo de Deos parece?

Porque trará no cabello
Juncto das flores um lirio?
Quem ha que pondo-se a vel-o
Não conteveja um martyrio?
Faz pena ver no cabello
Juncto das flores um lirio!

Anda no meio da dança,
La se perdeu no compasso...
Vêde... parece que cansa...
Tral-a o seu par pelo braço!
Diz-lhe depois que não dança,
Que cede aos outros o espaço!

O que será? Não quer ella
Gosar da festa que vae!
Foje a mais linda donzella
Assim de ao pé de seu pae!
Porque se vae a donzella,
Que tam apressada vae?

E os pares
 Corriam,
 E as salas
 Tremiam
 Com tanto
 Dançar!
 E as horas
 Passavam,
 Mas nunca
 Cessavam
 Do eterno
 Folgar!
 Renovam-se
 As luzes,

Recobram-se
 Os animos,
 E a festa
 Não para,
 Não cessa
 No ardor!
 As mentes
 Deliram,
 Os peitos
 Suspiram,
 Recrescem
 Os sonhos
 Ardentes
 Do amor!

O POETA (observa através d'uma ogiva todo o movimento do baile, que lá vae dentro no castello. Por fim esconde-se na sombra das lorangeiras murmurando sosinho).

«Oh! que noite, Senhor, que noite escura
 Por onde o amor me traz!
 Eu venho procurar a sepultura
 Onde minha alma jaz!

« Eu venho, solitario viageiro,
 De novo respirar
 A frescura do beijo seu primeiro
 — O nectar por libar! —

« Á sua porta fui. Senti os passos
 Dos que dançavam lá...
 E ella? Quem me diz se noutros braços
 Seu peito cahirá?

« Quem me diz se nesta hora, em que eu suspiro
 Por vel-a ao pé de mim...

(Presentindo a aproximação de Beatriz)

Oh! que suave aroma que eu respiro!
 Quem viu aroma assim?

Oh! que illibado goso, que primicias
 Dos banquetes dos céos!
 Que banho de prazeres, que delicias!
 Parece, vejo a Deos!

« Mas agora meus olhos vão cegando,
 Não posso ver a luz!
 Oh! que visão que vae por mim passando,
 É um altar sem cruz!

« Sem cruz ; porque eu não vejo mais que rosas
 E uma virgem no meio !
 Não sinto mais que essencias olorosas,
 E em mim um vago aneio !

« Mas este aneio escalda ; porque nasce
 Dentro do coração.
 Parece já o fogo da sua face,
 Calor da sua mão !

(Vendo Beatriz face a face)

« Descerra as brancas plumas, anjo amado
 Dos suspiros de Deos.
 Nellas me envolve, occulta-me a teu lado,
 Faz-me da terra os céos !

« Quero beijar teu seio, ó minha amada,
 E morrer ao depois..
 Ao menos esta esperança desgraçada..»
 E abraçaram-se os dois.

Oh! que lagrimas sentidas
 Lhes descem por sobre o rosto !
 São esperanças cahidas
 Donde o amor as tinha posto ?

Mas porque chorava ella,
Ella que ha pouco sorria
Nos braços do seu amante
Na effusão da alegria?
Pode haver causa bastante
Para tamanha agonia?

O POETA (desprendendo-se dos braços de Beatriz)

«Porque suspiras, meu anjo,
Porque te pões a chorar?»

BEATRIZ (apontando para o castello)

«Pois tu não ouves la dentro?...»

O POETA (sem comprehender)

«É gente que anda a dançar...
Isso que tem?»

BEATRIZ (lavada em lagrimas)

« É o dia,
 Que vem pôr termo á alegria
 Que nos meus olhos ja viste!
 Amanhã por esta hora
 Ja não serei quem me vias...
 Serei vendida *senhora!* »

« Sonhas, meu anjo adorado? »

« Ja não vive, meu amado,
 A mulher que te adorava:
 Amanhã morta, ou escrava,
 Celebrarei meu noivado! »

Foi uma scena horrivel! Os cabellos
 Ergueram-se-lhe em pé, o suor o banha.
 Quer fallar, mas a lingua lhe recusa
 Ao desespero as expressões condignas.
 Já treme, já se esforça por suster-se,
 Vae-lhe n'alma uma lucta indescriptivel.
 Té que a final, os olhos alteando
 Ao ceo, exclama em tom de mar que estoira:

« Oh ! raio de Jehovah, que me fulminas...
 Suspende-o la, Senhor !
 Tu não és pae, ó Deos, quando criminas
 A leis sanctas do amor !

Mas eu a tremer !..»

BEATRIZ (lançando-se-lhe ao pescoço)

« Silencio,
 Silencio por caridade!..
 Filho da minha saudade,
 Da minha, de mais ninguem,
 Olha : se um dia á lembrança
 Te vier a tua amada,
 Não na supponhas culpada
 No crime que ella não tem !
 Foram elles, os covardes,
 Que venderam em leilão,
 A trôco d'oiro, as riquezas
 Do meu e teu coração !»

O POETA (fóra de si)

« Leva-me quanto quizeres,
 Rasga-me as fibras do peito!
 A vida até, se a queres;

Que eu merrerei satisfeito !...
 Mas o sagrado thesoiro
 Que se não compra com oiro ;
 Porque é de immenso valor,
 Oh ! não no vendas, querida ;
 Que faz parte d'esta vida
 A seiva do nosso amor !

BEATRIZ (apertando-o cada vez mais)

« Ó minha esperança querida,
 Que eu tanto soube guardar !...
 Pois hei-de roubar-te a vida
 Que tu me sabias dar ? »

O POETA (commovido)

« E se eu a vida te dava,
 Porque m'a queres tu levar ?
 — E se o amor é perfume
 Que embriaga o coração,
 Porque em mim não vês o lume
 Que te guie á salvação ? — »

..

BEATRIZ

« Se o amor é lavareda
 La nos infernos a arder,
 Eu não sigo outra vereda,
 Irei no inferno morrer. — »

POETA

« Juras cumprir o que dizes?
 Decide neste momento... »

BEATRIZ

« De todas as infelizes
 Eu seja a mais infeliz,
 Se eu não cumpro o juramento
 Que te fiz ! »

E nisto como a pomba dos espaços
 Acolhe em suas azas seus amores,
 Envolve-o nos seus peitos, que são flores,
 Que medram entre os languidos abraços !

III—O DESMAIAR DAS ESPERANÇAS

Era pelo silencio d'alta noite!
Arrastando seu manto pardo, immenso,
Sosinha caminhava a tarda Lua
Melancholica e triste pelo espaço!
No azul do firmamento saltitavam
Aereos grupos de milhões de estrellas!
A noite era d'amor e de saudade!
D'antigo campanario as horas vinham
Vagarosas e lentas, como o dobre
De finados! Fatidicos segredos
Na accesa phantasia do Poeta
Corriam-lhe em tropel! Que negros sonhos
Lhe não acorda 'nalma a voz do bronze?
A Lua, distendendo os panos brancos
Do seu comprido veu, dava realce
Á gravidade do castello e a um tempo
Dava-lhe o aspecto venerando e triste
D'um sarcophago antigo. La por dentro
Alto silencio reina, impera a morte...

O POETA (defronte das janellas do castello)

« Onde estás, Beatriz? Já são passados
 Dias tão longos de tão longa pena!
 Promettes-te ser minha, e mal te vejo,
 Fojes-me, sombra!

« Se dormes, dorme o somno da innocencia,
 Em quanto eu ouço o martellar na tumba
 Que nos espera a ambos! Não te acordem
 Barbaros gritos!

E em volta do castello foi andando,
 Andando manso e manso, como um espectro
 Que circunda um sepulchro ás horas mortas!
 A vista enlanguecida pela magua
 No peito a atropelar-se, esparecia
 Ao largo pelas varzeas e collinas
 Illuminadas pelo alvor da Lua!
 Ai! que saudades 'nalma de quem ama!

« Porque foges, meu anjo da janella
 Onde vinhas á tarde meditar
 No lindo pôr do Sol, na patria bella
 Dos que vivem a amar?

« Para onde se foi essa alegria
 Que o ceo do nosso amor abrilhantava?
 Porque esmaia de dia para dia
 A luz que te guiava?

« Porque vestes de luto a formosura
 Ó minha sancta irmã, linda captiva?
 É acaso o teu mundo a sepultura,
 Onde cahiste viva?

« No Golgotha do amor crucificaram-te,
 Exposeram-te, infames! em leilão!
 Vender-te não poderam, apagaram-te
 O Sol do coração!

E que importa que o Sol á sombra esmae,
 O Sol do nosso amor, Sol tão formoso?
 Ha de acordar um dia ao som d'um ai!
 Nos ceos do eterno goso...»

Mal tinha posto fim, quando em delirio
 N'alta janella Beatriz assoma,
 E grita e clama, como louca:

« Foje,
Salva-te ao menos, tu! Querem matar-te!
Foje, meu filho, meu irmão... la em cima
No ceo te esperarei... »

Ouviu-se rapida
Detonação medonha; e ao mesmo tempo
Baqueou um cadaver.... Pobre Poeta!

FIM.

POST SCRIPTUM

Não sei que máo fado me arrastou a vir a publico d'esta vez. Velhas e relhas cantigas dos dezoito annos, coitados dos meus versos, de vergonha se correram em 1863, e mal cuidava eu que houvesse tão cedo de os expor de novo á irrisão. Tentou-me não sei o que, e ainda bem, que não foi a gloria!

Á mercê de Deos e da fortuna deixal-os ir agora, que se não vão aceiados e limpos como eu desejara, não vão tão maltrapidos, que mettam nojo.

Da primeira edição cortei agora muitos versos, reformei e accrescentei muitissimos, e tantos, que bem podéra eu chamar a isto um livro novo, se ainda aqui não enfeixasse e mais á moderna deixasse de polir—um bom numero das antigas trovas. Não os inculco por bons, que certissimo estou de que o não são; outros, de menos valia e de mais somenos forja, têm corrido sem passaporte.

Avieiros como eu pude, e nenhum mestraço, que me venha á mão, será capaz de me obrigar a defendel-os; tão pouco amor lhes tenho!

Não sei se as Musas algum dia me encontrarão de pachorra para castigar uns taes canhenhos que de ha muito me andam baralhados na gaveta. Se ellas tiverem a desgraça de me pilharem de vez, então sim, meus criticos bordalengos, arreganhae os dentes, saltae á rua; que hei-de atirar-vos da janella osso com alguma carne.

Isto que hoje vos dou, nem como panno de amostra se recommenda. É um alinhavo de casaca; a costura e o assentar do ferro virá depois, se para tanto me der na cabeça.

A este meu dizer franco e rude muitos chamarão irreverencia e basofia, e não poucos virão em linguagem gritada praguejar-me ladainha de improperios. Coitados, que tão pouco sabem do que é capaz o orgulho do pobre! Bem podera eu já d'aqui furtar o corpo a muitos tiros, com que os espiritos vesgos cuidarão ferir-me. Podia fazel-o, explicando em notas alguns dizeres, menos claros d'este livro; mas de mim para mim tenho que não merece a pena gastar cera com ruins defunctos. E não merece com effeito; sendo que de ha muito é minha convicção, que não são notas nem commentarios, que fazem bom o que é máo.

Os que se têm visto, como eu, nestas fastidiosas barafundas de empacotar versos sem conta nem medida, quantas vezes não têm tropeçado num ou noutro verso torto e descomposto?

Os que têm mantido tracto familiar com as Musas, e de perto sabem o quanto a coisa custa, escarmentados estarão das pedras que lhes têm cahido em casa, para não serem elles os que mas hão de atirar a mim.

Agora, com os taes fanfarrões Achilles, que têm um calcanhar em cada fibra, com esses nem á mão de Deos Padre eu quero jogar pleitos.

D'esta vez, como sempre, hão de encontrar-me de boa avença.

Coimbra, Março de 1867.

J. SIMÕES DIAS.

INDEX

Introdução

I Escuta	5
----------------	---

O bandolim de D. Juan

II Ao luar	19
III Outro Moyses	23
IV Urna quebrada	24
V Na praia	29
VI A lavadeira	31
VII Impossivel	35
VIII Eleyson	38
IX A tua roca	39
X O primeiro beijo	42
XI O teu lenço	44
XII O libertino	47

Lyra da angustia

XIII Moço e velho	53
XIV Lacrymae rerum	56

XV A estrella	68
XVI Horas tristes	70
XVII Adeos	72
XVIII Phantasia	74
XIX Ao som da musica.....	76
XX Em que scismas?.....	78
XXI A mocidade.....	82

Harpa colea

XXII Saudades de filha.....	89
XXIII Anjo dormente	93
XXIV Á memoria de um anjo.....	94
XXV Num album.....	97
XXVI O melhor album	99
XXVII A doente.....	100
XXVIII A um artista hespanhol.....	104
XXIX Ainda a Branca.....	106
XXX A tempestade	109
XXXI A um artista philantropico.....	112
XXXII A festa do trabalho.....	114

Poemas lyricos

XXXIII A feiticeira.....	121
XXXIV Duas pombas.....	125
XXXV O ancião.....	133
XXXVI A ausencia	138
XXXVII O somasco	140
XXXVIII O abysmo	147
XXXIX O noivado mystico.....	158

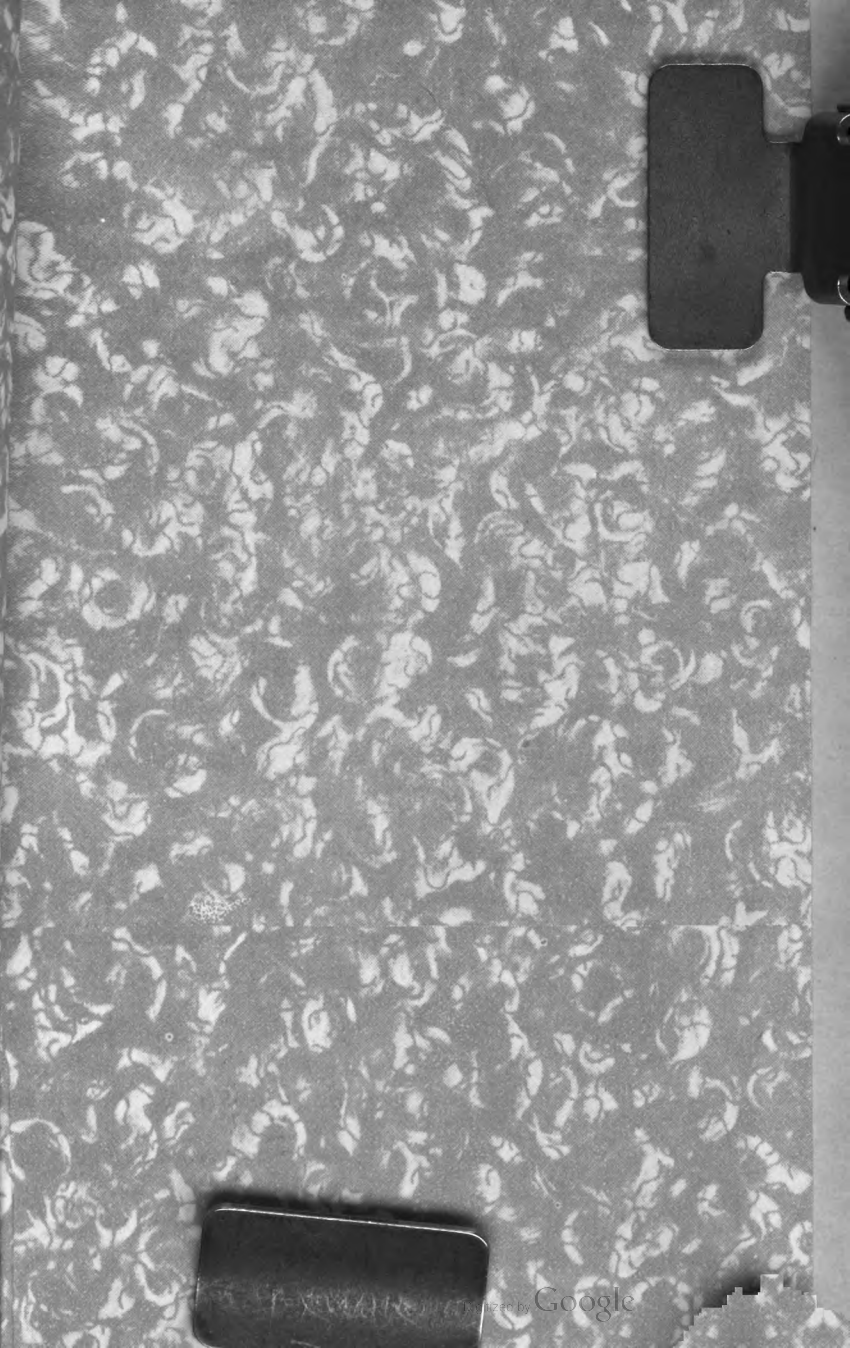
XL A oração da noite	164
XLI A mãe.....	166
XLII O dobrar dos sinos	169
XLIII A cruz	172
XLIV Sol á sombra	178
Post scriptum	201



89108644550



b89108644550a



NEWARK

89108644550



B89108644550A